

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS



MARIANA DA TRINDADE CARPINEJAR

**GUARDANAPÁRIO: UM ESTUDO SOBRE OS AFORISMOS EM SUPORTE  
GUARDANAPO DE FABRÍCIO CARPINEJAR**

PORTO ALEGRE  
2023

MARIANA DA TRINDADE CARPI NEJAR

**GUARDANAPÁRIO: UM ESTUDO SOBRE OS AFORISMOS EM SUPORTE  
GUARDANAPO DE FABRÍCIO CARPINEJAR**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Letras – Tradutor Português e Espanhol.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cleci Regina Bevilacqua

PORTO ALEGRE  
2023

## CIP - Catalogação na Publicação

Carpi Nejar, Mariana da Trindade  
GUARDANAPÁRIO: UM ESTUDO SOBRE OS AFORISMOS EM  
SUPORTE GUARDANAPO DE FABRÍCIO CARPINEJAR / Mariana da  
Trindade Carpi Nejar. -- 2023.  
80 f.  
Orientadora: Cleci Regina Bevilacqua.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e  
Espanhol, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Guardanapário. 2. Aforismo. 3. Gênero textual.  
4. Tipologia multiníveis. 5. Linguística de corpus. I.  
Bevilacqua, Cleci Regina, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MARIANA DA TRINDADE CARPI NEJAR

**GUARDANAPÁRIO: UM ESTUDO SOBRE OS AFORISMOS EM SUPORTE  
GUARDANAPO DE FABRÍCIO CARPINEJAR**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Letras –Tradutor Português e Espanhol.

Porto Alegre, 12 de abril de 2023.

Resultado:

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Manuela Arcos Machado (UFRGS)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita Lenira de Freitas Bittencourt (UFRGS)

*À Clecj, um ser humano excepcional.*

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo específico caracterizar a escrita aforística em suporte guardanapo de Fabrício Carpinejar – a qual denominamos Guardanapário, subgênero do Aforismo – à luz da tipologia multiníveis de Guiomar Ciapuscio (2003). O objetivo geral é dar visibilidade ao Aforismo, um gênero milenar que, embora se faça presente em nossa cultura e se mostre popular nas redes sociais, é objeto de poucos trabalhos acadêmicos no Brasil. Para tanto, construímos um *corpus* de estudo composto por 3.297 guardanapos, coletados e transcritos em ocasião deste trabalho, e o comparamos com um *corpus* de referência constituído por textos jornalísticos. Nossa fundamentação teórica se baseia na definição de gênero como prática sociocomunicativa, de Marcuschi (2005; 2008); nas cinco leis que definem um aforismo, de Geary (2007); nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística de *Corpus*; na tipologia multiníveis de Guiomar Ciapuscio (2003), que propõe a caracterização de um gênero a partir de quatro níveis de análise textual – funcional, situacional, de conteúdo semântico e formal-gramatical. Como resultado, elencamos e descrevemos, de modo exploratório, as principais características verificadas no Guardanapário. Entre elas, estão as funções de expressar-se e de direcionar o leitor, a brevidade e objetividade e a temática predominante do *amor*.

**Palavras-chave:** Guardanapário; Aforismo; gênero textual; tipologia multiníveis; Linguística de *Corpus*.

## RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo específico caracterizar la escritura aforística en soporte servilleta de Fabrício Carpinejar –la que denominamos Servilletario, subgénero del Aforismo– bajo la perspectiva de la tipología de multiniveles de Guiomar Ciapuscio (2003). El objetivo general es la puesta en valor del Aforismo, un género milenario que, aunque esté presente en nuestra cultura y sea popular en las redes sociales, ha sido objeto de pocos trabajos académicos en Brasil. Para ello, construimos un *corpus* de estudio conformado por 3.297 servilletas, que colectamos y transcribimos para este estudio, y lo comparamos con un *corpus* de referencia conformado por textos periodísticos. El marco teórico se fundamenta en la definición de género como práctica sociocomunicativa, de Marcuschi (2005; 2008); en las cinco leyes que definen un aforismo, de Geary (2007); en los supuestos teórico-metodológicos de la Lingüística de *Corpus*; en la tipología de multiniveles de Guiomar Ciapuscio (2003), que propone la caracterización de un género desde cuatro niveles de análisis textual –funcional, situacional, de contenido semántico y formal-gramatical. Como resultado, enumeramos y describimos, de modo exploratorio, las principales características verificadas en el Servilletario. Entre ellas están las funciones de expresarse y de dirigir el lector, la brevedad y objetividad y la temática dominante del *amor*.

**Palabras clave:** Servilletario; Aforismo; género textual; tipología de multiniveles; Lingüística de *Corpus*.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Publicação no Instagram .....	22
Figura 2 - Capa do livro.....	24
Figura 3 - Página interna do livro .....	24
Figura 4 - Manuscritos antigos e manuscritos recentes .....	26
Figura 5 - Núcleo comum e léxicos específicos.....	31
Figura 6 - Exemplo de limpeza com assinatura e propaganda .....	36
Figura 7 - Exemplo de limpeza com assinatura e dedicatória.....	36
Figura 8 - Caso atípico (guard0882) .....	37
Figura 9 - Exemplo de limpeza com duas assinaturas .....	37
Figura 10 - Elementos extralinguísticos e expressão .....	42
Figura 11 - Elementos extralinguísticos e expressão .....	42
Figura 12 - Função de direcionar .....	43
Figura 13 - Função de direcionar .....	43
Figura 14 - Reflexão sobre tatuagem (guard2454).....	46
Figura 15 - Mapa conceitual: palavras lexicais mais frequentes do Guardanapário..	47
Figura 16 - Envolvidos: <i>you</i> e <i>o outro</i> .....	48
Figura 17 - Envolvidos: <i>you</i> e <i>o outro</i> .....	48
Figura 18 - Envolvidos: <i>you</i> e o eu lírico .....	49
Figura 19 - Monogamia .....	50
Figura 20 - "Os outros" .....	50
Figura 21 - <i>Amor e relação versus amizade</i> .....	52
Figura 22 - <i>Amor e relação versus amizade</i> .....	52
Figura 23 - <i>Amor e amizade</i> .....	53
Figura 24 - Temáticas: <i>amor, vida, verdade e tempo</i> .....	54
Figura 25 - O <i>tempo</i> modifica o ser amado .....	54
Figura 26 - O <i>amor</i> influencia o <i>tempo</i> .....	55
Figura 27 - Pano de fundo: cristianismo .....	55
Figura 28 - Pano de fundo: capitalismo .....	56
Figura 29 - Pano de fundo: cristianismo .....	57
Figura 30 - Partes textuais .....	59
Figura 31 - Substantivação .....	61
Figura 32 - Dicionarização do cotidiano: verbo "é" .....	63
Figura 33 - Dicionarização do cotidiano: "não é" .....	64
Figura 34 - Dicionarização do cotidiano: "não é" .....	64
Figura 35 - Contraste entre extremos .....	66
Figura 36 - Exagero.....	66



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2 SOBRE O AUTOR</b> .....	<b>10</b>
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>21</b>
<b>3.1 Guardanapáριο, um subgênero do Aforismo</b> .....	<b>21</b>
<b>3.2 Aforismo, um gênero milenar</b> .....	<b>27</b>
<b>3.3 Linguística de <i>Corpus</i> e léxico</b> .....	<b>29</b>
<b>3.4 Tipologia multiníveis de Guiomar Ciapuscio</b> .....	<b>32</b>
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	<b>35</b>
<b>4.1 Construção do <i>corpus</i> Guardanapáριο: coleta, transcrição e codificação</b> ...35	<b>35</b>
<b>4.2 <i>Corpus</i> de referência</b> .....	<b>38</b>
<b>4.3 Níveis de análise</b> .....	<b>38</b>
<b>5 ANÁLISE DO GUARDANAPÁRIO</b> .....	<b>41</b>
<b>5.1 Nível funcional</b> .....	<b>41</b>
<b>5.2 Nível situacional</b> .....	<b>43</b>
<b>5.3 Nível do conteúdo semântico</b> .....	<b>46</b>
5.3.1 Tema .....	46
5.3.2 Envolvidos .....	47
5.3.3 Tipos de <i>amor</i> .....	51
5.3.4 Condições .....	53
5.3.5 Paradigmas sociais .....	55
5.3.6 Sobre o tema e sua organização .....	58
<b>5.4 Nível formal-gramatical</b> .....	<b>60</b>
5.4.1 Artigos definidos.....	60
5.4.2 Ser ou não ser.....	62
5.4.3 Elemento acrescentado .....	65
5.4.4 Exagero e contraste de extremos .....	66
<b>5.5 Considerações parciais</b> .....	<b>67</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>72</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*O guardanapo era de pano e até podia secar as  
lágrimas.*

*Mas por ciúmes da página que imprimia poemas do  
farnel do sonhador,  
dobrou-se em papel do sonho viajor.*

*Maria Carpi*

Este trabalho surgiu da revisão de frases em guardanapos que venho realizando há quase 3 anos para o meu pai, Fabrício Carpinejar. De acordo com esse escritor, seus aforismos contemporâneos remontam às literaturas desenvolvidas por Blaise Pascal, Michel de Montaigne, Karl Kraus, E. M. Cioran, François de La Rochefoucauld e Baltasar Gracián; no Brasil, ele afirma que temos excelentes aforistas, mais na linha do humor e menos na linguagem poética, como Sérgio Porto, Barão de Itararé, Luis Fernando Verissimo, Antônio Maria, Otto Lara Resende e Millôr Fernandes<sup>1</sup>.

Carpinejar desenvolveu uma escrita literária aforística – por definição, frases breves, definitivas, pessoais, que contêm uma guinada e de caráter filosófico (GEARY, 2007) – cujo *début* foi *Diário de um apaixonado: sintomas de um bem incurável* (2008), livro que reúne aforismos em torno da temática da paixão. Com a popularização do Twitter, uma rede social de espaço reduzido a 140 caracteres por publicação, o autor viu oportunidade de dar sequência virtualmente ao trabalho que já vinha fazendo, desta vez destinando-se a um público que rapidamente se tornou massivo. Com 180 mil<sup>2</sup> seguidores, lançou *www.twitter.com/carpinejar* (2009), livro que reúne os melhores aforismos publicados em seu perfil do Twitter, iniciativa inédita no Brasil.

A partir de 2014, seus aforismos foram adaptados visualmente sob a forma de guardanapos escritos à mão, com caligrafia pessoal e característica. Trata-se de uma escrita idiossincrática e inovadora, que concilia conceitos antagônicos como o novo e o velho, o descartável e o duradouro, o manuscrito e o digital, o íntimo e o massivo. Carpinejar conseguiu, com esse formato, precaver qualquer tentativa de falsificação e cunhar a autoria inegável de sua obra. Além disso, realiza uma crítica social ao

---

<sup>1</sup> *Processo criativo dos guardanapos*, entrevista publicada no Facebook do autor no dia 20 de março de 2023.

<sup>2</sup> Hoje, o autor tem 845 mil seguidores no Twitter.

transformar um símbolo de descarte em permanência, emergindo a escrita para além do utilitarismo<sup>3</sup>.

Apesar da popularidade, a escrita aforística em suporte guardanapo – que chegou a receber versão impressa, *Liberdade na vida é ter um amor para se prender* (2017) – ainda não foi abordada em trabalhos acadêmicos. Verificamos, ainda, a escassez de trabalhos que discorram sobre o gênero Aforismo no Brasil. Sendo assim, justificamos nosso intento de caracterização do Guardanapário – maneira carinhosa como nomeamos os aforismos em suporte guardanapo – pela referida falta de bibliografia, com vistas a dar visibilidade, mesmo que de modo exploratório, ao Aforismo em geral e ao Guardanapário especificamente.

Dividimos este trabalho em 6 capítulos, estando incluída a presente *introdução*. No capítulo 2, discorremos *sobre o autor*, contextualizando a obra em seus entrelaçamentos com a vida pessoal. No capítulo 3, apresentamos nossa *fundamentação teórica*, dividida em quatro seções: (1) primeiramente, tratamos da escrita em suporte guardanapo em seu contexto de práticas sociais; (2) em seguida, traçamos o percurso histórico do Aforismo e sua definição; depois, abordamos a perspectiva teórica fundamental para este estudo com base (3) na Linguística de *Corpus* e (4) na tipologia multiníveis de Guiomar Ciapuscio (2003). No capítulo 4, expomos a *metodologia*, detalhando a construção de nosso *corpus* de estudo, a origem de nosso *corpus* de referência e todas as etapas de nossa análise. No capítulo 5, realizamos a *análise do Guardanapário* em quatro níveis, tal como propõe Ciapuscio (2003) – *nível funcional, nível situacional, nível de conteúdo semântico e nível formal-gramatical* –, e elaboramos um quadro com as principais características encontradas. No capítulo 6, como *considerações finais*, recapitulamos nossas principais descobertas e realizamos as últimas reflexões.

---

<sup>3</sup> *Processo criativo dos guardanapos*, entrevista publicada no Facebook do autor no dia 20 de março de 2023.

## 2 SOBRE O AUTOR

*Esta é uma história de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.*

Para escrever esta breve biografia, recebi de Carpinejar dois arquivos com sua trajetória e fortuna crítica. É claro que não foram suficientes. Minha intenção é representar esse autor, que tanto inspirou novas gerações de escritores, em sua forma humana e tangível. Esta é a história de um autor que primeiramente foi leitor, como todos nós; de um rapaz tímido que teve que se reinventar diversas vezes antes de se tornar, enfim, uma figura pública. Nesse intento, sendo filha de Fabrício, lancei mão de memórias e impressões pessoais, que permearam todo o texto. Ao fim e ao cabo, não se trata de uma história real, apenas de minha interpretação dos fatos; em todo caso, qualquer história funciona assim, de forma mais ou menos declarada. A realidade não precede a linguagem, ambas se dão ao mesmo tempo.

Fabrício Carpi Nejar nasceu em Caxias do Sul (RS), no dia 23 de outubro de 1972. Filho dos escritores Maria Elisa Carpi e Carlos Nejar, é o terceiro de quatro irmãos que cresceram juntos; mais novo do que Carla e Rodrigo e mais velho do que Miguel. Aos 7 anos de idade, foi diagnosticado erroneamente com retardo mental por um neurologista, pois enfrentava dificuldades na escola e não conseguia avançar sob os estímulos da educação formal. Sua mãe decidiu ignorar o diagnóstico e ensiná-lo a ler e escrever em casa, com brincadeiras e poemas. No ano seguinte, já devidamente alfabetizado, amargou a separação dos pais. A partir de então, Carlos passou a morar fora do estado e Maria Elisa se encarregou da educação dos filhos sozinha, o que viria a polarizar o imaginário da obra de Fabrício entre a figura materna atenciosa e a figura paterna ausente<sup>4</sup>. Na infância, seu livro predileto era *Os meninos da rua Paulo*, de Ferenc Molnár. Na adolescência, leu diversos clássicos, inclusive a Bíblia. Entre os mais relidos, estavam *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, *Eneida*, de Virgílio, e *Odisseia*, de Homero. Considerado feio pelos colegas, sofria agressões físicas e verbais na escola. Tanto que, em sua festa de 8 anos, nenhuma criança

---

<sup>4</sup> Ver *Um terno de pássaros ao sul* (2000), sobre a figura paterna, e *Coragem de viver* (2021), sobre a figura materna.

convidada compareceu. Mais adiante, o *bullying* se tornaria tema recorrente de seus textos.

Em 1990, iniciou o curso de Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Fez estágio na Secretaria Estadual de Educação TVE, sendo responsável por repassar a programação e os destaques da grade da televisão para a imprensa. Em 26 de dezembro de 1993, nasceu sua primeira filha, Mariana, fruto do namoro com a colega de curso Gêssica Trindade. A jovem e a bebê foram acolhidas na casa de Maria Elisa, onde Fabrício manteve uma união estável com Gêssica por alguns anos. Em 1995, o aspirante a escritor extraviou seu primeiro manuscrito de poesia, intitulado *As sobras da sombra*, no Bar do Antônio da sede da reitoria da UFRGS; jamais o recuperou. Assinava como “Fabrício Carpi” em homenagem à mãe, sua grande inspiração. Graduiu-se em janeiro de 1995, em cerimônia que teve o professor Wladimir Ungaretti como paraninfo.

Em 1996, casou-se com Ana Nejar, jornalista e escritora com quem permaneceu por mais de uma década. Em 1998, lançou *As solas do sol* (1998), seu primeiro livro, pela editora Bertrand Brasil. Num gesto dialético, assinou como “Fabrício Carpinejar”, unindo os sobrenomes da mãe (Carpi) e do pai (Nejar). Recebeu com esse livro o Prêmio Nacional Fernando Pessoa da União Brasileira de Escritores (RJ), categoria Revelação e Estreia, em 2000. O jovem escritor – que na época vestia terno, gravata e chapéu, à imagem de seu pai – dava início a uma carreira repleta de dificuldades financeiras no decadente mercado de poesia, ao qual renunciaria anos mais tarde.

Em 1999, fez sua primeira palestra, acompanhado de Elisa Lucinda, Marlon de Almeida e Ricardo Silvestrin, em um encontro promovido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Com o passar do tempo, o autor recebeu cada vez mais convites para palestrar, ofício itinerante que hoje representa possivelmente sua principal fonte de renda, pois a venda de livros não costuma garantir o sustento de autores brasileiros. Além de palestras, escrevia textos para vários jornais e revistas, e participava de júris de concursos literários. Apesar de não receber muito dinheiro, ganhava experiência, estabelecia contatos e conquistava pouco a pouco sua visibilidade. Ao mesmo tempo, dava os primeiros passos como professor com a alfabetização caseira de sua filha Mariana, que então tinha 6 anos e fazia o pré-escolar. Para tanto, inventou um personagem, o professor Caramujo: toda vez que colocava o capuz do seu casaco de moletom cinza, transformava-se em seu personagem; ao tirar o capuz, tornava a ser

ele mesmo e dizia não se lembrar de nada. Inventou também outros personagens, cada qual com seu objetivo didático. Tanto na poesia quanto na vida, seguia os passos de Maria Elisa, que também o havia alfabetizado em casa.

Em 2000, lançou *Um terno de pássaros ao sul* (2000) e com ele venceu o Prêmio Destaque Literário como melhor livro de poesia da 46ª Feira do Livro de Porto Alegre. Nesse mesmo ano, cursou uma oficina de contos do Assis Brasil na PUC-RS, onde conheceu Cíntia Moscovich, de quem se tornou amigo-irmão. Em uma das festas que Cíntia organizava em sua casa, Fabrício conheceu o casal Diana Corso e Mário Corso, pelo qual também tem um carinho de irmão. Em 2001, Ana engravidou. Fabrício havia perdido recentemente o cargo de assessor de imprensa da Câmara Municipal de São Leopoldo, que ocupava desde 1996; estava, pois, desempregado, mas trabalhava como *freelancer*. Diante da nova responsabilidade, conseguiu um novo emprego fixo – assessor de imprensa da Unisinos – e financiou um terraço de dois andares em São Leopoldo, parcelado em 10 anos. Sua carreira estava decolando com *Um terno de pássaros ao sul* (2000), com o qual recebeu ainda o Prêmio Literário Internacional Maestrale – San Marco, Marengo D'oro (5ª Edição), de Gênova (Itália), na categoria obra em língua estrangeira, e o Prêmio Açorianos de Literatura, da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, na categoria poesia. Na sequência, publicou *Terceira Sede* (2001) e tornou-se mestre em Literatura Brasileira pela UFRGS, com dissertação sob o título *Teologia do traste: a poesia do excesso de Manoel de Barros* e orientação do Prof. Dr. Luís Augusto Fischer. Também foi patrono da Feira do Livro de São Leopoldo. Em 20 de fevereiro de 2002, nasceu Vicente, fruto de um matrimônio feliz.

Pai pela segunda vez, morava com Ana e Vicente na pacata rua José Bonifácio, em São Leopoldo, e levava Mariana para a sua casa em finais de semana intercalados. *Terceira sede* (2001) lhe deu certa projeção nacional, derrubando a pecha de regionalista que seus poemas sobre o pampa, embora apreciados pela crítica, ocasionavam. Com ele, recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura, da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, na categoria poesia, e o Prêmio Nacional Cecília Meireles, da União Brasileira de Escritores (UBE), como autor do melhor livro de poesia de 2001. Em 2002, publicou *Biografia de uma árvore* (2002), eleito duplamente o melhor livro de poesia de 2002, pelo Prêmio AGEs Livro do Ano, da Associação Gaúcha de Escritores, e pelo Prêmio Nacional Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras. Foi patrono da Feira do Livro de Barra de Ribeiro

(2002). Em 2003, lançou *Caixa de sapatos* (2003), sua primeira antologia. Já com alguma influência, o autor ajudou sua mãe, Maria Carpi, a publicar *A força de não ter força* (2003), servindo-lhe de ponte com a Escrituras, sua editora no momento. Enquanto ajudava sua mãe, uma poeta com raízes sólidas no século passado – temática da natureza, texto dividido em cantos, intertextualidade com a Bíblia –, Fabrício, que muito bebera dessa fonte materna em seus primeiros livros, percebia que precisava se diferenciar para manter relevância em sua própria geração de escritores e no mercado editorial.

Em 2004, publicou *Cinco Marias* (2004) e ganhou o Prêmio O Sul, Nacional e os Livros, da Rede Pampa, como autor do melhor livro de poesia do ano. Em seguida, aventurou-se pela primeira vez em literatura infantil com o livro *Porto Alegre e o dia em que a cidade fugiu de casa* (2004), em série que reuniu um escritor de cada uma das 27 capitais brasileiras. Em 2005, fez seu primeiro grande contrato: a Bertrand Brasil, selo do Grupo Editorial Record, comprou os direitos de toda a sua obra adulta. O primeiro livro dessa parceria foi *Como no céu & Livro de visitas* (2005), dois livros em um, com design que permite ler de trás para frente, o livro pessimista, ou de frente para trás, o livro otimista. Carpinejar adaptava sua poesia à exigência de novos estímulos do mercado. Novamente, encaminhou a publicação de um livro de Maria Carpi, *As sombras da vinha* (2005), desta vez pela Bertrand Brasil. Na sequência, foi patrono das Feiras do Livro de Esteio e de Taquara (2006), e lançou seu segundo livro infantil, *Filhote de cruz-credo: a triste história alegre de meus apelidos* (2006). Essa obra, que aborda o *bullying* nas escolas sob a perspectiva da superação pessoal do autor, viria a vencer o prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) de literatura Infantil em 2012 e seria uma das obras escolhidas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD-2018) com tiragem de 60 mil exemplares, projeto do governo federal destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias às escolas públicas de educação básica.

Em 2006, estreou como cronista com o livro *O amor esquece de começar* (2006). Foi com esse gênero que se tornou conhecido nacionalmente, mas ainda não com esse livro. A mudança, que não se resumiu à literatura, já vinha sendo engendradora com anos de antecedência. O escritor, por exemplo, mudara completamente seu figurino: tatuara um escorpião no braço, passara a vestir camisas estampadas, *jeans* coloridos, óculos de festa e sapatos extravagantes. Além disso, havia começado a falar sobre sexo abertamente nos textos e nas palestras, e a

interagir com o público de forma expansiva. Assim, depois de assassinar e esconder os vestígios do poeta taciturno, a publicação de um livro de crônicas foi o de menos: apenas compilou as melhores crônicas que vinha escrevendo em seu *blog*, um verdadeiro laboratório da nova fase de sua obra<sup>5</sup>.

A vida conjugal com Ana Ihe serviu de inspiração para escrever crônicas. Juntos, estabeleceram uma rotina: as calêndulas cor de laranja na varanda, o sabonete de glicerina, as tampinhas de leite na pia, as disputas de quem iria levar o lixo para a rua, as desculpas para não lavar a louça, as conversas fumegantes na cozinha, a fixação de horários pelo barulho da estação São Leopoldo do Trensurb, a almejada assinatura de TV a cabo, o pote de sorvete napolitano para comer de colher, o futebol no terraço com as crianças, as bolas acidentalmente arremessadas ao telhado de baixo, a vizinha ranzinza que jamais as devolvia, as aparições do gato do apartamento ao lado, a piscina de plástico nos dias mais quentes, a massa com molho de queijo e iscas de filé nos finais de semana, as férias de verão na casa de uma tia em Rainha do Mar. Por força do hábito e da repetição, Fabrício definiu sua temática principal – o amor – e sistematizou suas observações sobre o cotidiano. Embora suas crônicas costumem ser anedóticas, elas o são muito mais pelas interpretações originais de fatos corriqueiros do que por elementos realmente inesperados. Isso gera identificação no leitor, que enxerga nos textos a sua própria realidade sob uma nova perspectiva. Foi assim que, de poeta incompreendido, Carpinejar se transformou no cronista que compreende as pessoas.

A popularidade no gênero crônica foi tanta que seus livros de poesia, antes lidos sobretudo por seus pares, despertaram interesse no novo público. Em 2007, lançou *Meu filho, minha filha* (2007), livro com páginas intercaladas sob os títulos “Meu filho comigo”, sempre à esquerda, e “Minha filha sem mim”, à direita. Com ele venceu o prêmio O Sul, Nacional e os Livros 2007, da Rede Pampa, como autor do melhor livro de poesia. Também em 2007, teve a honra de ser leitura obrigatória do vestibular da Universidade de Caxias do Sul com o livro de poesia *Cinco Marias* (2004), ao lado de Graciliano Ramos e Dias Gomes. Foi patrono das Feiras do Livro de Cachoeirinha, São Sebastião do Caí, Lageado e Niterói/Canoas. Apesar do reconhecimento nos dois gêneros e dos esforços estéticos para tornar sua poesia atual, as crônicas eram mais rentáveis e seu público, mais numeroso. O escritor então se dividiu: o poeta resolveu

---

<sup>5</sup> Na época, usava o endereço [fabriciocarpinejar.blogspot.com](http://fabriciocarpinejar.blogspot.com). Hoje, esse *blog* é seu Túnel do Tempo e não recebe novos textos, apenas conserva intactos os textos antigos (2003-2010).



fazer uma pausa, voltando a publicar poemas somente em 2015, e o cronista se estabeleceu como tal. Como marcas dessa ruptura, passou a depilar dizeres na pelagem que restava em sua careca, identidade visual conservada até hoje, e a pintar as unhas da mão esquerda. Para completar o visual ostensivo, comprou um Crossfox amarelo; antes, dirigia um Gol barulhento, ano 1993, que anunciava da esquina a sua chegada. Se suas crônicas ainda estavam embebidas de raciocínio poético em *O amor esquece de começar* (2006), Carpinejar se mostra um contundente prosador em *Canalha!* (2008), lançado dois anos depois. Paradoxalmente, o matrimônio com Ana, inspiração para o seu sucesso, terminou nesse mesmo ano.

Entre esses dois livros, Carpinejar experimentou plena ascensão em sua carreira. Seu *blog*<sup>6</sup> superou a marca de um milhão de visitantes. O autor, por fim estável financeiramente, tornou-se coordenador e professor da Unisinos no curso de Formação de Escritores e Agentes Literários e no curso de Formação de Produtores e Músicos de Rock, cursos que ele mesmo havia criado em parceria com Márcia Duarte e Frank Jorge, respectivamente. Além das referidas mudanças no figurino, inovou ainda mais ao lecionar apenas de sunga nos dias quentes. Lançou seu primeiro livro de aforismos, *Diário de um apaixonado: sintomas de um bem incurável* (2008), que foi adotado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), com milhares de exemplares distribuídos em escolas públicas de todo o país. Teve um poema de *Meu filho, minha filha* (2007) declamado pela cantora Ana Carolina, que então já era sua amiga pessoal, no show Dois Quartos. Foi patrono das Feiras do Livro de Santa Clara do Sul, São Sepé e Garibaldi. Com o divórcio, aos 36 anos, voltou a morar na casa de sua mãe e iniciou namoro com a médica Cínthya Verri. Enquanto sua vida pessoal novamente germinava, colhia os frutos da vida profissional com outra pessoa ao lado.

O casal tornou-se rapidamente midiático, aparecendo em postagens na internet, entrevistas e programas de TV. Em 2009, além da visibilidade acadêmica que o professor aos poucos conquistava – com direito a dissertação sobre sua obra, defendida por Julliany Mucury na Universidade de Brasília (UnB) – foi um período próspero para oficinas literárias, ministradas no Studio Clio, Sinpro e Caixa Econômica Federal, em Porto Alegre. Recebeu seu primeiro Prêmio Jabuti (2009) com o livro *Canalha!* (2008), o prêmio de maior destaque nacional. No ano seguinte, foi chamado ao Programa do Jô, da Rede Globo, para falar sobre o livro; mantinha uma grande

---

<sup>6</sup> Na época, usava o endereço [carpinejar.blogspot.com](http://carpinejar.blogspot.com) (2009-2019).

admiração<sup>7</sup> por Jô Soares e seria entrevistado no *talk show* mais três vezes. Estes eventos – o lançamento de *Canalha!* (2008), o Prêmio Jabuti (2009) e o Programa do Jô (2010) – foram o divisor de águas na carreira de Carpinejar. O prêmio e o programa deram a projeção de que precisava e o reconhecimento que merecia. O livro, por sua vez, definiu a versão de si que queria mostrar ao público. Fabrício, que havia criado personagens para a formação de sua filha, agora terminava de dar vida a um personagem para si. A uma caricatura que vinha esboçando há anos por meio de sua indumentária e seu estilo de vida. A uma figura cheia de extravagâncias, provocações e respostas afiadas. Ao retrato de um homem irreparável e irresistível, personificação de seu livro: tornava-se o Canalha.

No cenário cultural do Rio Grande do Sul, foi patrono das Feiras do Livro de Viamão e de Torres (2009). Seu livro *Filhote de cruz-credo: a triste história alegre de meus apelidos* (2006) recebeu adaptação para o teatro, dirigida por Bob Bahlis. Fabrício e Cínthya exibiam uma vida pública agitada para os padrões de Porto Alegre: frequentavam o Grêmio Náutico União, às vezes só para estacionar o carro; almoçavam no bairro nobre Moinhos de Vento, em especial no restaurante Suzanne Marie, em que fizeram amizade com a chef; jantavam no tradicional restaurante Barranco; viajavam juntos por todo o país, em ocasião de palestras do escritor; iam ao cinema; assistiam a peças no Theatro São Pedro; apreciavam shows no Araújo Vianna e no Bourbon Country; dançavam no badalado bar Ocidente. Com a coluna conjunta Quase Perfeito no jornal Zero Hora, programa homônimo na Rádio Gaúcha e o quadro DR na TV no programa Tudo Mais na TVCOM, palestravam sobre relacionamentos, mostrando-se um casal de referência para os fãs. Separaram-se em 2012 de forma inesperada, no auge dessas parcerias.

Nesse meio-tempo, Carpinejar publicou o livro [www.twitter.com/carpinejar](http://www.twitter.com/carpinejar) (2009), reunindo aforismos de sua conta do Twitter, uma iniciativa pioneira no Brasil; três livros infantis – *O menino grisalho* (2010), *A menina superdotada* (2011) e *Votupira: o vento doido da esquina* (2011), sendo este último vencedor do Prêmio Jabuti de Livro Infantil em terceiro lugar e escolhido pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD-2018); três livros de crônicas sob influência do anterior – *Mulher perdigueira* (2010), que corresponde à versão feminina do Canalha, *Borracheiro:*

---

<sup>7</sup> Sobre sua admiração por Jô Soares, ver *Viva o gordo!*, texto publicado em 5 de agosto de 2022 no jornal Zero Hora, e *Carpinejar: “A caneca do Gordo”*, texto publicado no mesmo jornal em 27 de fevereiro de 2016.

*minha viagem pela casa* (2011), que retrata a personalidade masculina oposta ao Canalha, e o picante *Ai meu Deus, Ai meu Jesus: crônicas de amor e sexo* (2012); seu primeiro livro de reportagens – *Beleza Interior: uma viagem poética pelo Rio Grande do Sul* (2012), resultado de viagens e entrevistas pelo interior gaúcho; a coletânea *Bem-vindo: Histórias com as cidades de nomes mais bonitos e misteriosos do Brasil* (2012), ao lado de grandes nomes como Cíntia Moscovich, Sergio Faraco e o jovem Altair Martins. Foi patrono das Feiras do Livro de Gramado, Carlos Barbosa, Sertãozinho (SP), São Leopoldo pela segunda vez e Três Cachoeiras em 2010; Lagoa Vermelha, Venâncio Aires, Camaquã em 2011; Arroio do Sal, Candelária, Tapejara, Pinhal, Cachoeira do Sul, Canoas e Arambaré em 2012. Conheceu Zé Klein, seu então *personal trainer*, a quem hoje considera seu melhor amigo<sup>8</sup>. Iniciou *A Máquina* (2012-2016), seu programa na TV Gazeta de São Paulo, dirigido por Anna Carl Lucchese, no qual entrevistava, em um formato lúdico e descontraído, as personalidades mais variadas, como Tom Zé e Bruna Surfistinha. Passou a viajar toda semana à capital paulista, em que chegou a dividir aluguel por seis meses com o amigo músico Renato Godá. Não só fracionava sua semana entre as duas capitais, mas também viajava para dar palestras, atividade que se intensificava cada vez mais. Nesse mesmo ano, tatuou um mapa antigo de Porto Alegre nas costas, uma declaração de amor à cidade.

Em 2013, começou a participar quinzenalmente do programa *Encontro com Fátima Bernardes*, da Rede Globo, como comentarista. Solteiro após muito tempo em relacionamentos, lançou o melancólico *Espero alguém* (2013). Publicou também o livro infantil *Teimosinha* (2013). Foi patrono das Feiras do Livro de Vacaria e Bom Princípio. No ano seguinte, deu início à sua batalha pessoal contra o cigarro e lançou *Me ajude a chorar* (2014) e *Curinga* (2014). O título deste último faz alusão à sua característica risada espalhafatosa de manhã, em seus comentários na rádio Gaúcha. Lançou também os livros infantis *A girafa é minha* (2014) e *Lulu* (2014); este último foi escolhido pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD-2018). 2014 foi um ano importante de sua trajetória como aforista: começou a escrever pela primeira vez em suporte guardanapo. Em 2015, foi patrono da Feira do Livro de Gravataí. Publicou duas coletâneas chamadas *Vida em pedaços* (2015) e *Pedaços de vida* (2015), que reúnem vários livros infantis do autor, de 2013 a 2015. Nessa coleção, encontram-se livros aprovados por algumas edições do Programa Nacional do Livro Didático: *Te*

---

<sup>8</sup> Ver *O aniversário de meu melhor amigo*, texto publicado no jornal Zero Hora em 13 de outubro de 2022.

*pego na saída* (2013) e *Um parafuso a mais* (2014), ambos sobre *bulliyng* e respeito às diferenças; *Tão eu, tão você* (2015), uma reconciliação simbólica com sua filha Mariana, com a qual teve divergências naqueles últimos anos. Também em 2015, finalmente publicou um livro de poesia – *Todas as mulheres* (2015) – após lacuna de 10 anos, com direito a lançamento em auditório lotado nos tempos áureos da Livraria Cultura. Nessa ocasião, leu o livro inteiro em voz alta para os presentes. O livro parte da especulação de quem será sua viúva a partir de todos os romances que havia vivido. Lançou, ainda, *Para Onde vai o Amor?* (2015). Naquela época, transitava por uma série de relações voláteis e impregnava sua escrita de nostalgia do passado. Mal sabia o poeta que, dentro de poucos meses, conheceria Beatriz Reys.

A cativante advogada mineira estava na plateia de uma de suas palestras em Belo Horizonte; os dois interagiram pela primeira vez na sessão de autógrafos, quando trocaram algumas palavras poucas, mas decisivas. E o resto é história. Casaram-se em 18 de novembro de 2016, na Basílica de Nossa Senhora de Lourdes, em Belo Horizonte (MG), em cerimônia realizada pelo padre Fábio de Melo. Beatriz mudou-se para a capital gaúcha. As temáticas de Carpinejar refletiram a estabilidade que buscava: *Amor à moda antiga* (2016) e *Felicidade incurável* (2016). Em 2017, Vicente, o filho mais novo de Fabrício, mudou-se para o lar dos recém-casados para cursar o ensino médio em Porto Alegre. Os três viveram uma rotina familiar que se estendeu, no ano seguinte, a Belo Horizonte: partilhavam queijo colonial Canastra ou Minas, comprados no Mercado Público, broas e pães de queijo no café da manhã; almoçavam juntos; iam ao cinema, ao teatro Palácio das Artes, a peças e exposições no Centro Cultural Banco do Brasil e a shows de música; maratonavam séries e filmes *cult* em plataformas de *streaming*; frequentavam restaurantes, em especial O Italiano, Cozinha de Fogo e La Hacienda, do amigo Vinicius Veloso; chamavam afetos ocasionalmente para almoçar em sua residência; jogavam dardos em sua tranquila varandinha no bairro Sion. Para o ritual particular de escrita, Fabrício frequentava de manhã o Grêmio Náutico União, em Porto Alegre (desta vez, não apenas para estacionar) e o Minas Tênis Clube, em Belo Horizonte. Nesse mesmo ano, publicou *Liberdade na vida é ter um amor para se prender* (2017), um livro em que compilou seus melhores guardanapos, e *Amizade é também amor* (2017).

No ano seguinte, estourou seu primeiro *best-seller*. *Cuide dos pais antes que seja tarde* (2018), crônicas sobre pais envelhecidos que passam de provedores a filhos de seus filhos. Com essa publicação, seu primeiro livro adulto a ser adotado

pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD-2021), Carpinejar experimentou um novo auge em sua carreira, ocupando sucessivas vezes o primeiro lugar da lista dos mais vendidos da revista Veja. Desta vez, obtinha êxito com temáticas notadamente de família, opostas à figura do Canalha. Na sequência, o escritor engatou *Minha esposa tem a senha do meu celular* (2019) e *Família é tudo* (2019), *best-sellers* que seguiram a mesma linha de raciocínio e receberam um projeto gráfico gêmeo (fonte, tipo de papel, paleta de cores, aforismos na contracapa etc.). Em 2019, passou a escrever uma coluna dominical para o jornal mineiro O Tempo, na qual expõe suas experiências inusitadas como gaúcho em Minas Gerais. Chegavam, porém, os tempos de pandemia da Covid-19. Na onda de demissões do primeiro semestre de 2020, perdeu sua coluna na Zero Hora e enfrentou escassez de palestras, uma atividade importante de sua agenda. Fabrício e Beatriz fizeram um isolamento social a dois, pois Vicente, então maior de idade, morava sozinho. Daqueles tempos sombrios, o escritor tirou inspiração para escrever *Colo, por favor! – reflexões em tempos de isolamento* (2020). Arriscou também um livro de poesia, que, por motivos experimentais, não recebeu título – *Carpinejar* (2020) – e uma coletânea de poesia – box *Carpinejar* (2020) –, que resgata os cinco primeiros livros da carreira. Em tempos difíceis, o escritor passou a fazer *lives* de consultório sentimental – Procon do Amor – para dar suporte a seus leitores, que obviamente enfrentavam problemas, fosse de saúde física, fosse de saúde emocional. Essas *lives* deram continuidade, de modo síncrono e gratuito, ao consultório sentimental que o autor já vinha fazendo desde 2004 em revistas, jornais, rádios, bares e redes sociais. Publicou *Coragem de viver* (2021), livro inteiramente dedicado à sua mãe Maria Carpi, da qual afirma tirar o exemplo de força.

Em 2021, após um ano penoso para alguém que dependia de palestras, um de seus maiores sonhos se realizou: foi eleito patrono da 68ª Feira do Livro de Porto Alegre. Em 2022, outro de seus maiores sonhos se realizaria: receberia uma coluna diária no jornal Zero Hora, em substituição ao saudoso David Coimbra. Entre os dois sonhos, publicou os infantis *Menina alta* (2022) e *Vovó é poder* (2022), e o livro de crônicas *Depois é nunca* (2021). Esse último livro, cujo título é um aforismo contundente, foi seu maior *best-seller*, gêmeo dourado dos *best-sellers* anteriores. Nele, o autor integralizou sua obra recente ao conciliar a temática da família, que já lhe era prezada, com a temática do luto, tão urgente em meio à desolação causada pelo coronavírus. Com uma eloquência experiente e poder de observação implacável, distribuiu palavras de consolo sem recorrer a eufemismos nem fugir das questões

mais densas do luto, como perder um filho. Seu sucesso foi inevitável, mas igualmente batalhado. Em 2022, Carpinejar completou 50 anos com exatos 50 livros publicados, mais de 20 prêmios literários e cerca de 750 mil exemplares vendidos. No Rio Grande do Sul, obteve o título de colunista mais amado e mais lembrado pelos leitores em pesquisa Top of Mind 2021 (o curioso é que, em 2021, nem era colunista), 2022 e 2023, da revista Amanhã. Com mais de um milhão de seguidores nas redes sociais, conquista cada vez mais leitores. É um escritor gaúcho, mas também brasileiro. É dual: poeta e cronista, acessível e denso, da casa e das viagens, das redes sociais e das palestras, da virtualidade e da presença, do interior e da capital, das frases incisivas e dos parágrafos de conforto. Parece encerrar em si um aforismo.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

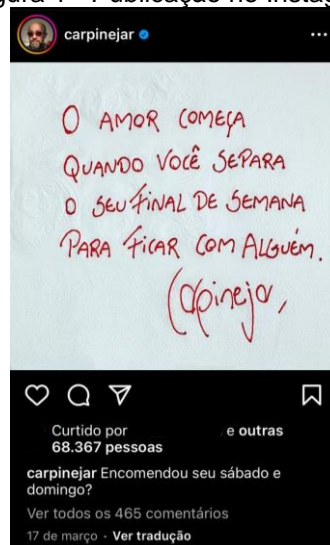
#### 3.1 GUARDANAPÁRIO, UM SUBGÊNERO DO AFORISMO

*Quando um guardanapo serve de papel ao poema?  
A página branca tem fome da poesia  
e aguarda. O guardanapo deixa limpa a boca de outras  
iguarias,  
dobra-se e o poeta imprime poesia direta na boca do  
leitor.*

*Maria Carpi*

“Guardanapário” é o nome que carinhosamente atribuímos ao conjunto de frases manuscritas em suporte guardanapo sob autoria de Fabrício Carpinejar, tendo em vista as publicações diárias desses guardanapos nas redes sociais do autor – Instagram, Facebook e Twitter – e as práticas coletivas que se estabelecem entre os seguidores – curtidas, comentários, envios, repostagens etc. Por motivos que exporemos nesta seção, consideramos ser o Guardanapário um novo gênero textual, subgênero do Aforismo. Vejamos um exemplo de postagem no Instagram do autor, do dia 17 de março de 2023:

Figura 1 - Publicação no Instagram



Fonte: Fabrício Carpinejar (2023).

Segundo Luiz Antônio Marcuschi (2005, p. 19), em seu artigo *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*, os gêneros textuais “surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas”. Em outras palavras, são socialmente construídos. Por isso, “independem de decisões individuais” e “operam como geradores de expectativas de compreensão mútua” (MARCUSCHI, 2005, p. 35). Carpinejar, em entrevista<sup>9</sup>, relata como surgiu a ideia de escrever em guardanapos:

Certa vez, tive uma ideia e precisei escrevê-la num guardanapo. Acabei rasgando-o. Então escrevi com mais calma e pensei: “Nossa, guardanapo tem tudo a ver comigo!”. Ele era frágil. Quem faz poesia é frágil. Então passei a escrever meus aforismos em guardanapos.

Nessa breve fala, verificamos o que Marcuschi classifica como uma “decisão individual”, a de escrever em guardanapos, mas há algo a mais: o autor expressa filiação a um gênero já estabelecido, o Aforismo. Conforme veremos na próxima seção, Aforismo é um gênero que teve início na oralidade e migrou para a escrita. Se pode ser oral ou escrito, tal gênero parece ir além da questão do suporte. O Guardanapário, porém, é um tipo de Aforismo que conserva duas características específicas: (1) sempre é escrito e (2) sempre se encontra em suporte guardanapo.

<sup>9</sup> *Processo criativo dos guardanapos*, entrevista publicada no Facebook do autor no dia 20 de março de 2023.



De acordo com Carpinejar<sup>10</sup>, o guardanapo enquanto suporte encerra uma crítica social:

Pode-se pensar na obra de Picasso, por exemplo, quando se estendeu para objetos de cerâmica. Foi uma intervenção artística, de conversão de um material de consumo em patrimônio abstrato e imemorial.

Escrever é combater o descarte, o utilitarismo. Ao escrever num guardanapo, você cria uma singularidade, dando a ele uma sobrevida.

(...)

Quem já não se sentiu descartado como um guardanapo? Quem já não se sentiu posto fora? Quem já não teve um encontro com a duração de um guardanapo? Você fica pensando o que fez de errado, mas você apenas não teve tempo de mostrar quem você era. É tudo efêmero, e o guardanapo cristaliza o que você sente: aquilo que é jogado fora passa a ter uma emoção jogada para dentro.

Transformei um símbolo de descarte em permanência.

Como podemos constatar, o suporte não é mero conduto de transmissão. Ele se mescla com o conteúdo linguístico, atribuindo sentidos e tornando perene “um símbolo de descarte”. Ao suporte, somam-se a caligrafia pessoal do autor e o ambiente das redes sociais; essa composição conforma uma produção literária sistemática e uma identidade visual amplamente conhecida pelos leitores – com os termos de Marcuschi (2005), há “expectativas” e “compreensão mútua”. O referido intento de perenidade se materializa em tatuagens<sup>11</sup> dos seguidores, que muitas vezes não só inscrevem o aforismo sobre a pele, como também a caligrafia e a assinatura de Carpinejar. A assinatura, tão característica, usada para cunhar a autoria inegável da obra e prevenir cópias e imitações<sup>12</sup>, passou a ser metaforicamente de domínio público na epiderme daqueles que se identificam com as frases. Algumas pessoas emolduram guardanapos e os expõem para as visitas<sup>13</sup>, o que constitui outra forma de preservá-los e de estender seu alcance para além das redes sociais. Sendo assim, se, por um lado, a escrita em suporte guardanapo é idiossincrática, por outro, a recepção desses guardanapos pelo público, bem como as práticas sociais instanciadas, ocorrem coletivamente e escapam ao controle do autor.

<sup>10</sup> *Processo criativo dos guardanapos*, entrevista publicada no Facebook do autor no dia 20 de março de 2023.

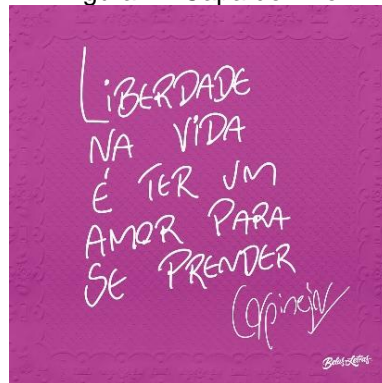
<sup>11</sup> Sobre tatuagens de guardanapos, ver *Versos de Fabrício Carpinejar inspiram tatuagens Brasil afora*, matéria publicada no jornal Zero Hora em 27 de abril de 2021. Ver também, no perfil do Instagram de Carpinejar, o destaque do Stories “Na pele”, em que são reunidas imagens de tatuagens com frases do autor.

<sup>12</sup> *Processo criativo dos guardanapos*, entrevista publicada no Facebook do autor no dia 20 de março de 2023.

<sup>13</sup> Ver *Poemas de Carpinejar viram tatuagens*, matéria publicada na revista Ofuxico em 15 de abril de 2021.

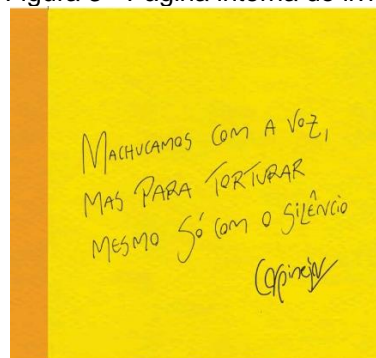
Marcuschi (2008), em seu livro *Produção de texto, análise de gêneros e compreensão*, reconhece a pele do corpo humano como *suporte incidental* de um gênero quando porta algum texto escrito, distinguindo-a do *suporte convencional*, que, no nosso caso, é o guardanapo. Cita, entre outros, um suporte incidental que também nos interessa: o livro. De acordo com o autor, o livro não constitui um gênero, mas carrega todo tipo de gênero. Em 2017, o Guardanapário recebeu sua primeira e única versão impressa pela editora Belas-Letras, uma compilação dos melhores guardanapos selecionados pelo autor. Um de seus aforismos dá título ao livro: *Liberdade na vida é ter um amor para se prender* (2017). No projeto gráfico, o fundo tradicional de guardanapo branco e florido foi retirado e a cor da caneta foi alterada, sendo mantidas apenas a frase original e a assinatura com a caligrafia do autor:

Figura 2 - Capa do livro



Fonte: Fabrício Carpinejar (2017).

Figura 3 - Página interna do livro



Fonte: Fabrício Carpinejar (2017).

Ao distinguirmos um possível gênero Guardanapário, prevalece sobretudo o suporte guardanapo. Prova disso é que o livro possui ilustrações de guardanapo ao fundo das frases, em substituição ao suporte original; trata-se de uma derivação da

identidade visual publicamente estabelecida nas redes sociais do escritor. Luiz Antônio Marcuschi (2008) afirma que os gêneros não são indiferentes a seu suporte e lança a hipótese de que podem ser ecológicos, isto é, manifestar preferência por certos suportes. Depreendemos do artigo de Marcuschi (2005), supracitado, três maneiras de identificar um gênero: função, forma e suporte. Embora o autor considere que a função tem primazia sobre os outros dois critérios, ele admite que, em alguns casos, o suporte e o ambiente em que os textos aparecem são fatores decisivos. Como exemplo, descreve uma situação hipotética em que um mesmo texto é publicado em uma revista científica e em um jornal diário; neste, o texto é considerado “artigo de divulgação científica”, naquela, “artigo científico”. Analogamente, podemos considerar todos e quaisquer aforismos de Carpinejar como pertencentes ao grande gênero Aforismo, e esses mesmos aforismos, quando escritos em suporte guardanapo, ao gênero Guardanapário, de maneira adicional e não excludente.

Essa distinção, útil para delimitar nosso objeto de estudo no presente trabalho, concretiza-se no processo de seleção dos aforismos, que passam pelo “termômetro” de engajamento do Twitter antes de se tornar guardanapos. Nesse sentido, o público tem poder de decisão sobre o Guardanapário, ainda que esteja mediado pelo autor:

As frases que têm maior repercussão no Twitter são transformadas em guardanapos. (...) Quando [uma frase] tem mais de 100 retweets, já há um alto grau de interação. Serve como medida, como termômetro. (...) No Twitter, eu faço uma média de seis a sete frases por dia, e às vezes só uma vira guardanapo. Milhares de frases não são usadas<sup>14</sup>.

Carpinejar se mostra igualmente meticuloso com a seleção de seus materiais e ambiente de trabalho: utiliza guardanapo com fundo de flores; escreve com canetas coloridas cuja espessura seja de 0,7 mm a 1,0 mm; fotografa os guardanapos em seu escritório, sob a luz branca da manhã, exceto quando viaja<sup>15</sup>. A escrita em guardanapos, no entanto, nem sempre teve um projeto estético tão bem definido. Foi-se refinando ao longo dos anos. Não havia nos manuscritos antigos do autor uma identidade visual homogênea como a que vigora atualmente. Podemos observar esse contraste na Figura 4:

---

<sup>14</sup> *Processo criativo dos guardanapos*, entrevista publicada no Facebook do autor no dia 20 de março de 2023.

<sup>15</sup> Carpinejar, op. cit.

Figura 4 - Manuscritos antigos e manuscritos recentes



Fonte: Fabrício Carpinejar (2023)<sup>16</sup>.

Os arquivos posicionados à esquerda da Figura 4 se referem ao período de produção de 19 de abril de 2014 a 1º de agosto de 2015. À direita, de 9 a 26 de março de 2023. Nos arquivos antigos, notamos a presença de folha de ofício como suporte; há pelo menos três tipos de suporte guardanapo, de tamanhos diferentes; foram usadas canetas de espessuras muito variadas; as edições aplicadas nas imagens são discrepantes; a produção era menor, já que, ao longo de vários meses, o autor criou uma quantidade que, recentemente, levou menos de um mês para criar. Nos arquivos recentes, o suporte é padronizado, a caligrafia pessoal é estável e as canetas possuem espessuras similares.

Marcuschi (2005) enfatiza o papel das novas tecnologias na proliferação de novos gêneros. Considerados pelo autor como práticas sociodiscursivas, os gêneros surgem a partir de novas demandas sociais. As inovações, no entanto, não são fatos isolados: estão ancoradas em gêneros que preexistiam a elas. Nesse sentido, o Guardanapário retoma o que Carpinejar diz ser “uma tecnologia de comunicação”<sup>17</sup> de seu tempo, os guardanapos, outrora usados para anotar o número de alguém ou passar um recado, e se filia ao Aforismo, um gênero milenar. O escritor afirma que as redes sociais afinaram seu processo de criação, mas não o geraram:

<sup>16</sup> Para a confecção desta figura, o autor nos forneceu a data de cada arquivo. Mais adiante, não trabalharemos com datas. As imagens de 2023 são arquivos brutos; passaram por clareamento (edição) antes de ser postadas nas redes sociais do autor.

<sup>17</sup> *Processo criativo dos guardanapos*, entrevista publicada no Facebook do autor no dia 20 de março de 2023.

As frases curtas não são uma reprodução do Twitter, vieram muito antes. Representam um mastro filosófico. A gente acha que se adequou ao Twitter. Não! Foi o Twitter que se inspirou no aforismo, na capacidade de ser breve.

Sobre aforismos, discorreremos na seguinte seção.

### 3.2 AFORISMO, UM GÊNERO MILENAR

Estudos recentes apontam que o Aforismo é um gênero literário ainda pouco divulgado e estudado no Brasil<sup>18</sup>. Tanto é assim que Sérgio Porto, Luis Fernando Verissimo e Antônio Maria ficaram conhecidos por suas crônicas. Otto Lara Resende consagrou-se como jornalista. No entanto, segundo Carpinejar<sup>19</sup>, todos eles foram também excelentes aforistas. Barão de Itararé e Millôr Fernandes, famosos por suas frases, talvez sejam exceção; em todo caso, tais frases não receberam o título de aforismo, e o são<sup>20</sup>.

De acordo com James Geary (2007), em seu livro *O mundo em uma frase: uma breve história do aforismo*, as origens do aforismo remontam ao segundo e terceiro milênios a.C., quando circulavam afirmações proféticas e concisas que prescreviam o comportamento e davam conselhos morais, práticos e espirituais. O autor denomina tais afirmações como “obras de sabedoria”, precursoras do aforismo, e atribui sua primeira publicação escrita ao *I ching*, o *Livro das Mutações*, compilado pelo imperador chinês Fu Hsi há cerca de 5 mil anos.

No mundo antigo, predominava a oralidade; livros eram raros, e a leitura, uma atividade exclusiva das elites. Os aforismos se popularizaram por sua brevidade e agudeza, que os tornavam fáceis de memorizar. Sábios, pregadores e profetas utilizavam-nos para difundir suas mensagens às massas. Entre os aforistas mais ilustres, Geary (2007) cita Lao Tse (604-531 a.C.), Buda (563-483 a.C.), Confúcio (551-479 a.C.), Jesus (c. 6 a.C.-30) e Maomé (570-632). Mais tarde, com o advento do estoicismo, os pupilos de grandes filósofos gregos e romanos passaram a anotar os aforismos filosóficos de seus mestres e, gradualmente, compilar uma doutrina

---

<sup>18</sup> Sobre isso, ver Venâncio (2020).

<sup>19</sup> *Processo criativo dos guardanapos*, entrevista publicada no Facebook do autor no dia 20 de março de 2023.

<sup>20</sup> Carpinejar, op. cit.

uniforme; com essa prática, o aforismo transitou da oralidade para a forma literária (GEARY, 2007).

Fabrcio Carpinejar, um aforista autodeclarado, cita Pascal, Montaigne, Baltasar Gracián, Karl Kraus, E. M. Cioran e Rochefoucauld como suas principais referências estrangeiras do Aforismo e define o gênero da seguinte maneira:

Aforismo é um pensamento-centauro. Você conversa com o senso comum sempre trazendo uma diferença a mais. No Rio Grande do Sul, é bravata. É uma torção de raciocínio. Você rouba a resposta do outro a partir de um desconcerto, de um assombro, de uma síntese filosófica, de um axioma. É a arte de ganhar uma discussão. Schopenhauer já escreveu sobre isso. Aforismos são tiros curtos, feitos para impressionar, impactar, fazer pensar<sup>21</sup>.

A referida “conversa com o senso comum” é recorrente nas falas do autor. Em um telefonema pessoal que tivemos, ele estabeleceu que “desafiar o senso comum” é uma das características fundamentais do Aforismo, bem como conter “o máximo no mínimo” e apresentar “uma brevidade desconcertante”. Tal empenho em definir o gênero Aforismo e de lhe conferir mais visibilidade é algo que Carpinejar partilha com James Geary. Este, além de traçar uma breve história do gênero, elaborou cinco leis que, segundo ele, um aforismo deve seguir para ter êxito. A seguir, apresentaremos cada uma delas em linhas gerais:

- a) deve ser breve: o autor defende que os aforismos são feitos para momentos de emergência, aqueles em que mais os necessitamos, seja na alegria ou na aflição, no êxtase ou na angústia. Portanto, devem ter a brevidade de um pedido de socorro que, sem muitas palavras, penetra em nosso entendimento. “São sucintos e objetivos porque a sua mensagem é urgente. Não há tempo a perder” (GEARY, 2007, p. 22);
- b) deve ser definitivo: Geary aproxima os aforismos das definições, alegando que ambos “afirmam em vez de discutir, proclamam em vez de persuadir, declaram em vez de sugerir” (GEARY, 2007, p. 23). Diz ainda que “os aforismos frequentemente tomam a forma de definições: x é y”, advertindo que não necessariamente são verdadeiros, visto que “não há deliberação ou debate, nem indícios comprovadores” (GEARY, 2007, p. 24);

---

<sup>21</sup> *Processo criativo dos guardanapos*, entrevista publicada no Facebook do autor no dia 20 de março de 2023.

- c) deve ser pessoal: para Geary, aforismo é pessoal e idiossincrático. Sua leitura provoca o choque entre duas mentes, a do autor e a do leitor. Nesse sentido, o aforismo exige uma resposta. Esta pode ser tanto para aceitá-lo sob a forma de uma percepção compartilhada quanto para refutá-lo. É por isso que aforismos se diferem dos provérbios, denominados pelo autor de “aforismos gastos”, cuja autoria se perdeu;
- d) deve ter uma guinada: nesta lei, Geary se refere à habilidade verbal do aforista para arrematar o leitor com algum paradoxo, algum silogismo ou outro expediente de inversão de sentidos. O autor compara aforismo com piada<sup>22</sup>, pois ambos nos levam a um lugar inesperado, ensinando a mente a dar voltas;
- e) deve ser filosófico: segundo o autor, os aforismos nos guiam em nosso caminho “do nascimento para a morte, de si mesmo para o mundo, do conhecido para o desconhecido” (GEARY, 2007, p. 31). Não são atalhos metafísicos, pois todos nós devemos fazer essa viagem sozinhos.

Aqui tomamos essas cinco leis não como critérios aos quais um aforismo deve obrigatoriamente seguir, mas como certas características que, conforme Geary demonstra com exemplos em seu livro, muitos aforismos de fato seguem, e que podem ser verificáveis em nosso *corpus*. Não deixaremos de considerar aforístico um texto que não as apresente integralmente.

### 3.3 LINGUÍSTICA DE *CORPUS* E LÉXICO

*Corpus* é uma coletânea de textos em formato digital, organizada sob critérios e objetivos de pesquisa específicos e vasta o suficiente para representar a língua geral ou a variedade específica de língua escolhida. Entendemos por texto qualquer porção de linguagem natural, seja falada ou escrita. Um *corpus* pode ser representativo de um tipo de texto, de um gênero ou de um idioma inteiro, de acordo com o foco do estudo para o qual foi criado. Sua representatividade está diretamente relacionada à sua extensão: quanto maior o *corpus*, maiores serão as chances de representar de

---

<sup>22</sup> Curiosamente, Carpinejar também faz essa relação ao afirmar que, no Brasil, os aforistas estão “mais na linha do humor e menos na linguagem poética”, em *Processo criativo dos guardanapos*, entrevista publicada no seu Facebook, no dia 20 de março de 2023.

fato os usos de uma dada comunidade. Contudo, diante da impossibilidade de uma representatividade total – o que corresponderia à inclusão de toda a linguagem que existe –, uma maneira de tornar um *corpus* altamente representativo é tornando-o específico, por exemplo, de uma variedade de língua ou de um autor (BERBER SARDINHA, 2004).

A Linguística de *Corpus* é o estudo extensivo da língua em uso. Sustenta uma visão probabilística da linguagem e objetiva extrair padrões (BERBER SARDINHA, 2004). Existem diferentes tipos de *corpus*. Neste trabalho, usaremos dois: *corpus* de estudo e *corpus* de referência. Um *corpus* de estudo é aquele que serve de base para uma pesquisa. Um *corpus* de referência é aquele que é usado para comparação com o *corpus* de estudo e geralmente tem de três a cinco vezes o tamanho deste (TAGNIN, 2011). Segundo Maciel (2013, p. 33), “a linguística de *corpus* se desenvolve cada vez mais como um conjunto de pressupostos teórico-metodológicos para abordagem empírica da análise textual”. Em outras palavras, é possível lançar-se ao *corpus* e deixar-se guiar por ele, dando primazia aos dados. Contudo, se, por um lado, a popularização dos computadores tornou esse tipo de estudo muito acessível, por outro, disseminaram-se práticas sem reflexão. Para a autora, antes de começar uma pesquisa, é crucial responder às perguntas “por que” e “para que” criar um *corpus*, e confrontá-las com o quadro teórico que fundamenta os propósitos do pesquisador. No presente trabalho, nosso porquê é obter, a partir do *corpus*, uma visão panorâmica do Guardanapário, e nosso para quê é realizar uma tipologização desse gênero.

*Corpora* digitalizados são utilizados nos estudos da linguagem desde a década de 1940 (MACIEL, 2013). De lá para cá, alguns conhecimentos gerais foram obtidos acerca das línguas naturais, sobretudo a nível lexical (BERBER SARDINHA, 2004). Segundo Bisognin (2008, p. 40), “no sentido mais comum, léxico é o repertório de palavras de uma língua”. O autor explica que existem palavras lexicais – dotadas de conteúdo, tais como substantivos, adjetivos, verbos etc. – e palavras gramaticais – desprovidas de conteúdo, tais como artigos, preposições, conjunções etc. Muitas palavras são conhecidas por todos os falantes nativos de uma língua. Um falante, no entanto, nunca saberá todas as palavras de sua língua, pois isso implicaria que participasse de todas as práticas comunicativas, que são variadas e potencialmente infinitas. Sendo assim, Bisognin faz uma distinção entre palavras conhecidas por todos – *núcleo comum da língua* – e palavras conhecidas apenas por grupos específicos – *léxico específico* –, esquematizada da seguinte maneira:



Figura 5 - Núcleo comum e léxicos específicos



Fonte: Bisognin (2008, p.43).

Observe que o autor inclui, por exemplo, *internetês* (linguagem utilizada por jovens na internet) e *gírias*, variedades informais de língua, ao lado dos léxicos dos âmbitos *técnico* e *científico*, notadamente formais. De forma análoga, podemos cogitar que o léxico do Guardanapário, informal e destinado ao grande público, contenha características de léxico específico. Consideramos que toda obra literária tem um projeto estético, portanto, pode apresentar algum léxico específico. Não por acaso, a literatura, assim como a ciência, possui gêneros discursivos com características particulares, premiações nacionais e internacionais e crítica especializada. Assim como aprendemos a escrever artigos científicos, resenhas, dissertações, teses etc. na universidade, sob orientação de professores pesquisadores, aprendemos a escrever crônicas, poemas, contos etc. com seus especialistas, os escritores, seja em oficinas literárias ministradas pelos próprios, seja na análise detida de seus livros. Uma vez admitido esse paralelo, não é difícil perceber a tendência generalizada da língua de se tornar específica em todas as esferas da atividade humana.

Imaginemos uma árvore. Temos o tronco, que lhe dá sustento – este é o núcleo comum da língua. Conforme a árvore cresce, galhos vão surgindo e se ramificando em todas as direções – movimento que representa as diversas práticas sociais e seus léxicos, que se tornam cada vez mais específicos conforme o avanço dos conhecimentos de cada área. Tais conhecimentos podem ser científicos ou empíricos, oriundos de livros ou de tradições orais passadas de geração a geração. As folhas, por sua vez, são a fonte de energia da árvore e estão presentes desde que um

broto germina e irrompe na camada superficial do solo; as folhas representam a cristalização da língua, seu poder de estabelecer quais palavras se combinam, quais serão usadas em maior e menor frequência, em quais contextos aparecem. Sem a cristalização da língua, a comunicação seria impraticável: teríamos que inventar novas fraseologias a cada diálogo, novas combinações a cada fala, novas interjeições a cada suspiro, emitindo frases incompreensíveis. Não haveria, pois, energia.

### 3.4 TIPOLOGIA MULTINÍVEIS DE GUIOMAR CIAPUSCIO

A proposta de tipologia multiníveis de Guiomar Ciapuscio é de orientação cognitivo-comunicativa e consiste em analisar um texto em quatro níveis: funcional, situacional, de conteúdo semântico e formal-gramatical. Abaixo, descreveremos os parâmetros de cada nível em linhas gerais:

- a) nível funcional: diz respeito às funções textuais, concebidas como o efeito dos textos no contexto da interação social, considerando os objetivos e atitudes dos interlocutores. Os textos geralmente apresentam mais de uma função, as quais assumem hierarquias (dominantes ou subsidiárias). A autora enumera quatro funções básicas:
  - a. expressar-se: extravasar-se, descarregar-se psiquicamente, autoapresentar-se;
  - b. contatar: fazer ou manter contato com o interlocutor;
  - c. informar: receber ou transmitir informação;
  - d. direcionar: fazer com que o interlocutor faça algo ou assumam determinada atitude;
- b) nível situacional: corresponde aos conhecimentos prototípicos relacionados à situação comunicativa. Parte-se do pressuposto de que o falante tem um saber armazenado sobre modelos de situações, que é ativado para solucionar tarefas comunicativas específicas. Compreende os seguintes parâmetros:
  - a. comunicação interna ou externa à área ou disciplina;
  - b. interlocutores: especialista-especialista, especialista-semileigo, especialista-leigo, semileigo-semileigo, semileigo-leigo;

- c. relação entre os interlocutores: simétrica (entre interlocutores com mesmo nível de conhecimento) ou assimétrica (entre interlocutores com diferentes níveis de conhecimento sobre a área ou tema);
  - d. número de interlocutores: monólogo, diálogo, público pequeno, público numeroso;
  - e. parâmetros espaço-temporais: comunicação presencial, gráfica, televisiva, virtual etc.;
- c) nível do conteúdo semântico: inclui o “que” e o “como”, isto é, a seleção da informação semântica, sua disposição e organização. Inclui os seguintes aspectos:
- a. tema do texto: núcleo conceitual do texto;
  - b. atitudes temáticas: atitudes do produtor do texto em relação ao conteúdo, podendo ser implícitas ou explícitas;
  - c. perspectiva sobre o tema: teórica, aplicada, didática, de divulgação etc.;
  - d. formas textuais primárias – contribuições originais a uma área – e formas derivadas – baseiam-se nos textos originais;
  - e. partes textuais: seções mais ou menos padronizadas cuja denominação é, frequentemente, indicativa do conteúdo (por exemplo, introdução/desenvolvimento e fechamento em uma carta comercial);
  - f. desdobramentos temáticos: descritivos, narrativos, argumentativos, expositivos etc.;
- d) nível formal-gramatical: refere-se à superfície textual, isto é, à seleção e combinação de recursos verbais e não verbais em determinado texto:
- a. máximas retórico-estilísticas: critérios gerais de adequação dos recursos linguísticos aos gêneros específicos. Por exemplo, o estilo científico se orienta por normas gerais como clareza, concisão, precisão, economia etc. Por sua vez, essas normas orientam a decisão de incluir elementos não verbais (gráficos, fotos etc.) e a preferência por determinados modelos de formulação (estilo impessoal, formas verbais passivas etc.);
  - b. formas linguísticas e não linguísticas;
  - c. aspectos gramaticais: recursos sintáticos e lexicais (terminologia).

Embora se trate de um método de análise desenvolvido para textos especializados, acreditamos, pelos motivos expostos na seção anterior, que pode ser

aplicado a léxicos específicos de outra natureza, como o Guardanapáριο. A presente tipologia contém níveis interrelacionados, permitindo-nos fazer um ir e vir nas análises, uma via de mão dupla: pelo gênero, esperamos ver certas características, mas, ao nos depararmos com as características, definimos o gênero. Além disso, essa proposta foi aplicada pela professora doutora Cleci Regina Bevilacqua na disciplina de Leitura e Revisão de Textos em Espanhol I, em prática que teve resultados tanto para a compreensão leitora quanto para a produção dos textos, verificando-se sua eficiência para textos especializados e não especializados. Trata-se de uma proposta didática que oferece todos os parâmetros necessários para realizarmos a caracterização de um gênero a partir do exame de suas propriedades em diferentes níveis.

## 4 METODOLOGIA

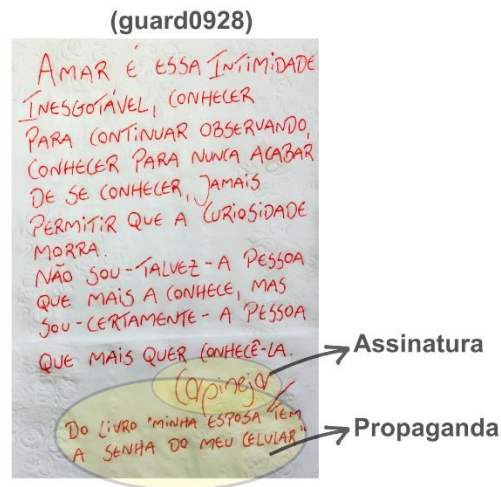
Em ocasião do presente trabalho sobre o gênero discursivo que nomeamos Guardanapário, subgênero do Aforismo, construímos um *corpus* de estudo a partir da transcrição ao formato digital de guardanapos da autoria de Fabrício Carpinejar. Esse *corpus* foi nomeado Guardanapário, homonimamente ao gênero que representa. Tendo em vista nosso objetivo específico de caracterizar esse gênero à luz da tipologia multiníveis de Guiomar Ciapuscio (2003), fez-se oportuno contrastar nosso *corpus* de estudo com um *corpus* de referência, a fim de que se destacassem as características fundamentais que o particularizam, sobretudo no que tange ao léxico.

### 4.1 CONSTRUÇÃO DO *CORPUS* GUARDANAPÁRIO: COLETA, TRANSCRIÇÃO E CODIFICAÇÃO

Foram transcritos 3.297 guardanapos, referentes ao período de produção de 8 de fevereiro de 2014 a 21 de abril de 2022 (oito anos e dois meses). Esses arquivos estavam na galeria do celular do próprio autor, que generosamente nos forneceu o material. No que concerne à coleta, selecionamos apenas frases escritas em suporte guardanapo. Descartamos frases escritas em outros suportes (geralmente folha de ofício), bem como guardanapos repetidos e fotografias pessoais que estavam presentes no material recebido. Quando encontramos frases idênticas escritas em guardanapos diferentes, ambas foram transcritas. Em alguns casos, consultamos o autor acerca da natureza do suporte em que certas frases se encontravam, por vezes difícil de identificar devido a alguma edição que havia sido aplicada na imagem.

Como procedimento de limpeza, deixamos de fora das transcrições algumas dedicatórias e propagandas que, raras vezes, apareceram no corpo dos guardanapos, bem como a assinatura do autor, que se repetiu em cada guardanapo. Consideramos que tais elementos gerariam ruído, já que nos interessavam para estudo apenas os aforismos. Tampouco incluímos quaisquer frases de apoio publicadas pelo autor nas plataformas digitais (Instagram, Facebook e Twitter), pois tínhamos em mãos apenas os arquivos de imagem. Nos exemplos abaixo, circulamos trechos que não foram transcritos por questão de limpeza:

Figura 6 - Exemplo de limpeza com assinatura e propaganda



Fonte: a autora (2023).

Figura 7 - Exemplo de limpeza com assinatura e dedicatória



Fonte: a autora (2023).

Há dois casos atípicos. Em um deles, Carpinejar, engajado contra a situação precária de saúde em Manaus, citou uma frase de outra pessoa entre aspas e atribuiu autoria (Figura 8). No outro, assinou junto de seu pai, provavelmente em coautoria (Figura 9). Naquele, decidimos transcrever o texto na íntegra; neste, não incluímos as assinaturas, como de praxe:

Figura 8 - Caso atípico (guard0882)

OXIGÊNIO AGORA PARA MANAUS!  
 "ATO INSTITUCIONAL PERMANENTE  
 ARTIGO I.  
 FICA DECRETADO QUE AGORA  
 VALE A VERDADE.  
 AGORA VALE A VIDA,  
 E DE MÃOS DADAS,  
 MARCHAREMOS TODOS  
 PELA VIDA VERDADEIRA."  
 THIAGO DE MELLO

Fonte: Fabrício Carpinejar (2022).

Figura 9 - Exemplo de limpeza com duas assinaturas

(guard0621)

É ASSIM COMEÇA  
 A CENSURA: VOCÊ  
 DEIXA DE ESCREVER,  
 DEPOIS DEIXA DE PENSAR,  
 DEPOIS DEIXA DE AMAR.  
 E ATÉ PARA VIVER PRECISA  
 DE AUTORIZAÇÃO.

Carb. Nasim  
 Pai 1939

Carpinejar  
 Filho 1972

Assinatura Assinatura

Fonte: a autora (2023).

Os textos de cada guardanapo e suas respectivas imagens foram nomeados com o código “guard000x”, em que “guard” se refere a “Guardanapário”, e “000x”, à numeração sequencial de acordo com sua ordem de inclusão no *corpus*, de “guard0001” a “guard3297”. Vale ressaltar que não os ordenamos por data, pois essa informação não constava nos arquivos de imagem que recebemos do autor. Em seguida, os textos foram convertidos ao formato de texto sem formatação (.txt) em UTF-8, de forma que poderiam ser processados no AntConc<sup>23</sup>, programa sobre o qual versaremos na seção 4.3. O Guardanapário contém 51.428 *types* (total de palavras) e 5.141 *tokens* (palavras diferentes entre si).

<sup>23</sup> Disponível para baixar gratuitamente em <https://www.laurenceanthony.net/software/antconcl/>. Acesso: 20 de março de 2023.

## 4.2 CORPUS DE REFERÊNCIA

Escolhemos o *corpus* de referência do português construído por Cleci Regina Bevilacqua (2018) para pesquisa realizada em estágio pós-doutoral – na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidad de la República (UdelaR), Montevideu, de setembro de 2017 a março de 2018, sob orientação de Mario Barité – , cujo relatório se intitula *A divulgação do conhecimento especializado: analisando o papel da terminologia na área de Conservação e Restauração de Bens Culturais móveis em papel*. O *corpus* de referência do português é constituído por textos da Folha de São Paulo e inclui temas relacionados a cotidiano, economia/negócios, esportes, mundo e poder. Possui 257.474 *tokens* (total de palavras). Sua coleta foi feita entre os dias 25 de setembro e 2 de outubro de 2017.

A escolha desse *corpus* se justifica pela proximidade entre gênero jornalístico e língua geral, visto que textos jornalísticos se destinam a um grande público e discorrem sobre assuntos diversos em linguagem acessível. Sendo representativo da língua geral, contrasta com o léxico específico que houver no Guardanapário. Além disso, cumpre o pré-requisito de ser de três a cinco vezes maior do que o *corpus* de estudo; nesse caso, cinco vezes maior (TAGNIN, 2011).

## 4.3 NÍVEIS DE ANÁLISE

Para a análise quantitativa do *corpus* de estudo, escolhemos o AntConc na versão 3.5.9 para Windows, por ser um programa gratuito e de fácil manuseio. A análise qualitativa se deu nos quatro níveis propostos por Ciapuscio (2003): *funcional, situacional, de conteúdo semântico e formal-gramatical*. Cada nível requereu metodologias próprias e tratamento de dados que se adequasse aos seus propósitos.

A nível funcional, fizemos uma análise qualitativa baseada na visão panorâmica do Guardanapário que adquirimos após sua transcrição e na nossa introspecção. Foram encontradas duas funções dominantes nos textos, a de expressar-se e a de direcionar o leitor, cujas explicações relacionaram-se com outros níveis. Esse ir e vir, conforme já mencionamos no capítulo anterior, é próprio da tipologia de Ciapuscio.

A nível situacional, lançamos mão não só da nossa visão panorâmica e da nossa introspecção, mas também de conhecimentos acerca da vida e obra do autor, em uma análise qualitativa que conciliou o texto, sua distribuição e sua recepção.



A nível de conteúdo semântico, utilizamos a ferramenta *word list* do AntConc para gerar a lista de palavras por ordem de frequência do nosso *corpus* de estudo, o Guardanapário, e do nosso *corpus* de referência, constituído por textos jornalísticos. Também utilizamos a ferramenta *keyword*, a qual, segundo Bevilacqua (2018), mostra as palavras do Guardanapário com maior índice de chavidade, isto é, as que possuem frequência consideravelmente diferente no *corpus* de estudo em contraste com o *corpus* de referência; essas palavras costumam ser prototípicas do *corpus* de estudo. Com esses dados, procedemos à análise qualitativa das palavras lexicais com maior frequência e chavidade por meio da ferramenta *concordance*, que nos permitiu ver os contextos de cada palavra em todas as suas ocorrências. Em seguida, criamos um mapa conceitual<sup>24</sup>, assinalando a temática dominante dos guardanapos – *amor* – e suas relações semânticas com outras palavras frequentes – *envolvidos*, *tipos de amor* e *condições*. Ademais, verificamos a presença de alguns *paradigmas sociais* que, embora não fossem quantificáveis no AntConc por seu carácter implícito, fizeram-se relevantes como pano de fundo dos temas analisados. Por fim, *sobre o tema e sua organização*, descrevemos as atitudes temáticas do autor, sua perspectiva sobre o tema, os tipos textuais empregados e a organização das partes textuais. Esta última foi ilustrada com uma captura de tela do Instagram do autor. Consultamos gramáticas e outras bibliografias para estudar o conteúdo semântico e seus elementos.

A nível formal-gramatical, empregamos as listas de palavras geradas em análise do nível anterior para fazer um quadro contrastivo com as quatro palavras gramaticais mais frequentes dos dois *corpora*. A partir desses dados, fizemos uma análise qualitativa de duas características do Guardanapário que se destacaram em relação ao *corpus* de referência: *artigos definidos* e *ser ou não ser*. Também descrevemos o *elemento acrescentado*, mecanismo que permite a subversão de um senso comum e a manutenção de um paradigma social, e o uso de *exagero* e *contraste de extremos*, os quais sustentam generalizações.

Ilustramos os referidos níveis com fartos exemplos de guardanapos, selecionados de forma arbitrária, conforme a nossa necessidade de explicar os fenômenos estudados. Cabe ressaltar que não analisamos todos os guardanapos do *corpus* – esta seria uma tarefa exaustiva que fugiria ao nosso objetivo específico de

---

<sup>24</sup> Adotamos a definição de mapa conceitual de Marco Antonio Moreira (1997, p. 2): “instrumento capaz de evidenciar significados atribuídos a conceitos e relações entre conceitos no contexto de um corpo de conhecimentos, de uma disciplina, de uma matéria de ensino”.

identificar estritamente as características fundamentais para uma tipologização do gênero Guardanapário. Nesse intuito, ao final, como *considerações parciais*, elaboramos um quadro com o resumo das características encontradas nos quatro níveis analisados. Poderemos dar continuidade à análise dos guardanapos em pesquisas futuras.

## 5 ANÁLISE DO GUARDANAPÁRIO

Ao compararmos o nosso *corpus* de estudo – constituído por guardanapos literários, cujos temas, conforme veremos na seção 5.3, são *amor*, *tempo*, *vida* e *verdade* – com o nosso *corpus* de referência – formado por textos jornalísticos sobre cotidiano, economia, esporte, mundo e poder –, conseguimos destacar particularidades do Guardanapário com vistas à sua tipologização, conforme propõe Ciapuscio (2003). Para tanto, ao final do capítulo, apresentaremos um quadro com as principais características verificadas do subgênero do Aforismo que denominamos Guardanapário.

### 5.1 NÍVEL FUNCIONAL

A função predominante no Guardanapário é a de expressão. Acreditamos que essa função seja a principal em todos os textos literários, nos quais o que se diz é menos importante do que como se diz. Todo intuito estético tem expressão, que se dá por meio de elementos linguísticos<sup>25</sup> e extralinguísticos. Relacionamos a função de expressar-se com a terceira lei de Geary (2007): um aforismo deve ser pessoal.

Em termos linguísticos, por meio da escolha do gênero aforístico, o autor expressa filiação. Por meio do seu estilo (frases de efeito curtas, linguagem acessível, desafio ao senso comum etc.), expressa sua forma de ver o mundo e de se relacionar com o leitor<sup>26</sup>. Em termos extralinguísticos, por meio da textura do papel, do desenho de flores ao fundo e da caligrafia pessoal, o autor expressa fragilidade. Ele mesmo afirma ser essa fragilidade que o motivou a escolher o suporte guardanapo<sup>27</sup>, pois, conforme explica, a poesia também é frágil. Por meio da presença ou não de partes amassadas, expressa ordem ou desordem. Por meio da cor e espessura da caneta, expressa o estado de ânimo com que o leitor deve tomar o aforismo, podendo lançar mão da temperatura – da mais fria (azul) à mais quente (vermelha) – ou de significados socialmente estabelecidos, tais como atribuir a cor preta à morte, a cor verde à

---

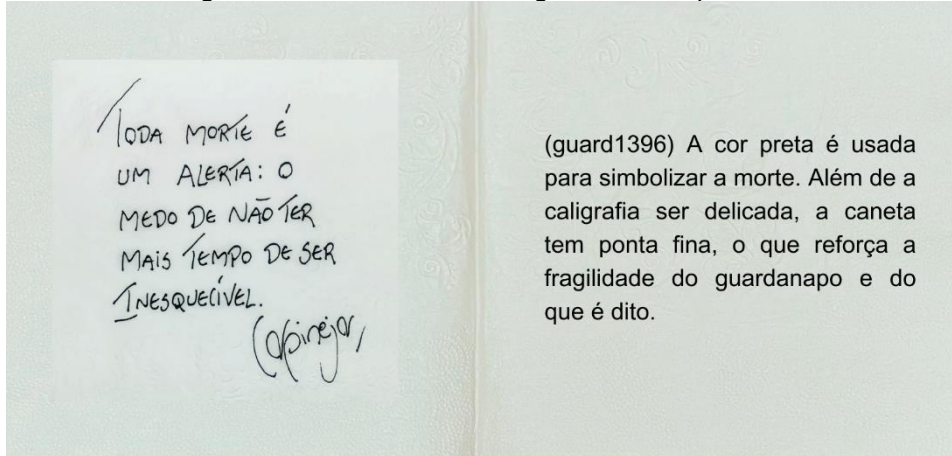
<sup>25</sup> Elementos linguísticos serão propriamente abordados na seção 5.4.

<sup>26</sup> Analisaremos mais detalhadamente a relação entre autor e leitores na seção 5.2.

<sup>27</sup> *Processo criativo dos guardanapos*, entrevista publicada no Facebook do autor no dia 20 de março de 2023.

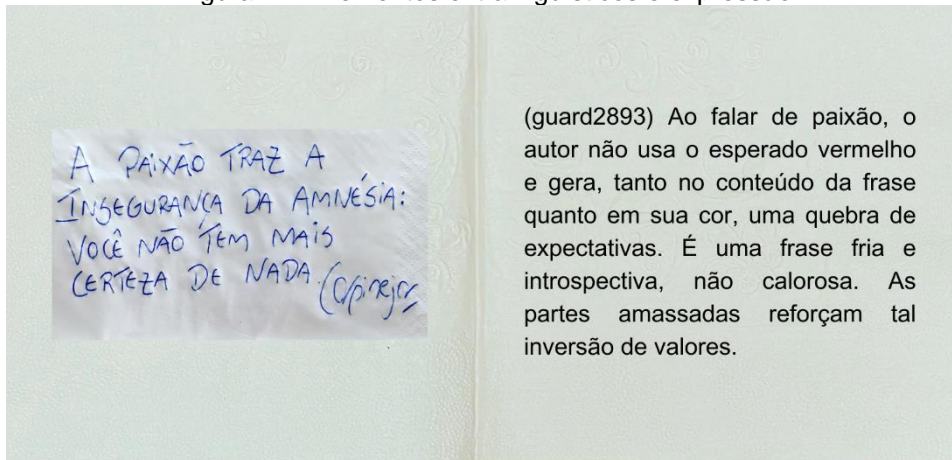
natureza e à saúde, a cor vermelha ao sangue e à paixão etc. Abaixo, separamos dois exemplos:

Figura 10 - Elementos extralinguísticos e expressão



Fonte: a autora (2023).

Figura 11 - Elementos extralinguísticos e expressão



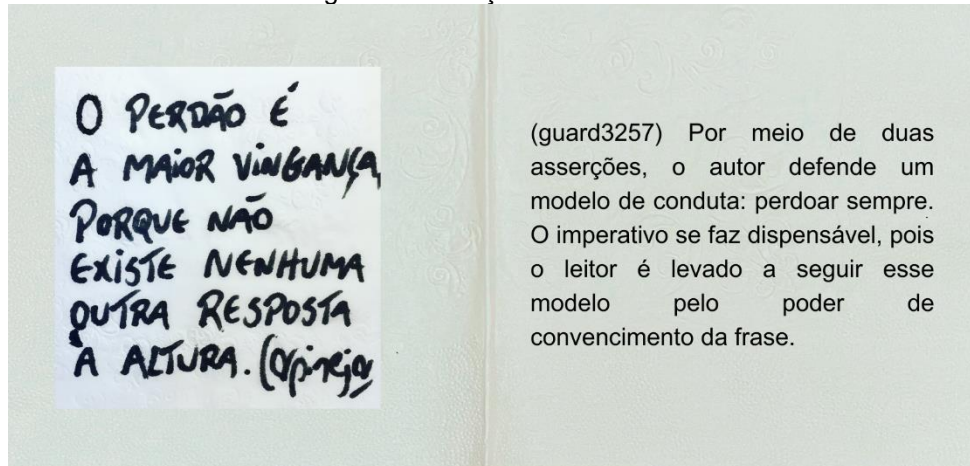
Fonte: a autora (2023).

Outra função com presença marcante nos guardanapos é a de direcionar. O autor estabelece modelos de conduta a ser seguidos em várias esferas da vida (*namoro, casamento, amizade* etc.<sup>28</sup>), formulando, sobretudo, frases assertivas. Para essa função, ocorre também o uso do imperativo em menor escala. Relacionamos a função de direcionar com a quinta lei de Geary (2007): um aforismo deve ser filosófico, dando-nos pistas acerca do que fazer em

<sup>28</sup> Veremos os temas detalhadamente na seção 5.3.

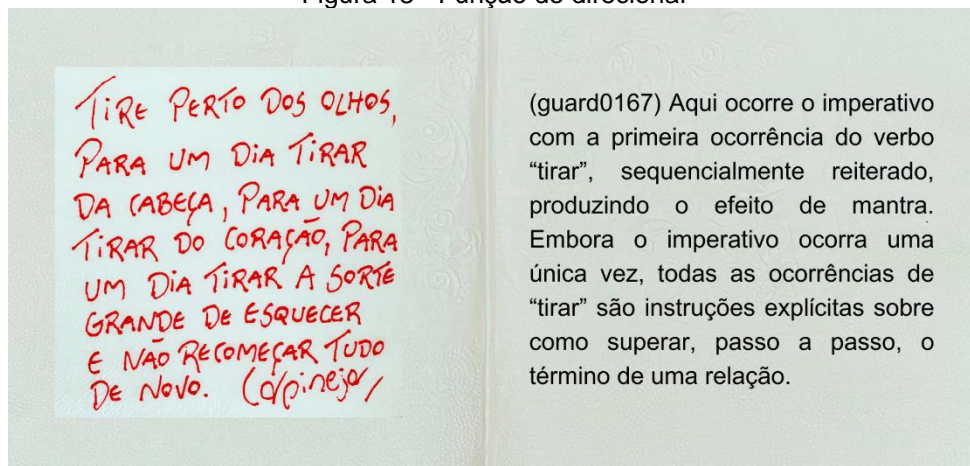
situações de emergência. Abaixo, selecionamos dois exemplos de direcionamento:

Figura 12 - Função de direcionar



Fonte: a autora (2023).

Figura 13 - Função de direcionar



Fonte: a autora (2023).

## 5.2 NÍVEL SITUACIONAL

Os guardanapos tratam de assuntos do dia a dia com linguagem coloquial e acessível, aproximando-se da língua geral. Qualquer pessoa adulta já vivenciou pelo menos algumas das situações descritas e é capaz de compreendê-las, pois contemplam a natureza humana em geral. Os textos são primários, originais, provenientes da sensibilidade apurada do autor e das suas

próprias vivências. Não se filiam a nenhuma área de especialidade, embora Carpinejar aborde assuntos de maneira especial, ressignificando aspectos do cotidiano que podem passar despercebidos pelo leitor.

Ao longo de quase duas décadas de experiência em consultório sentimental e dezenas de livros publicados sobre relacionamento, Carpinejar passou a ser visto por seus leitores como autoridade nos assuntos do dia a dia, conforme demonstram as constantes dúvidas que lhe deixam nos comentários e em mensagens privadas. Para muitos, sua palavra tem estatuto de verdade. Nesse sentido, encontramos na internet inúmeros relatos de pessoas que mudaram sua forma de pensar após a leitura de algum de seus textos. Por outro lado, esse autor investido de autoridade também concede poder de decisão ao público, cujo engajamento é critério de seleção das frases que são transformadas em guardanapos, conforme já referimos em citação do capítulo 3, aqui retomada:

As frases que têm maior repercussão no Twitter são transformadas em guardanapos. (...) Quando [uma frase] tem mais de 100 retweets, já há um alto grau de interação. Serve como medida, como termômetro. (...) No Twitter, eu faço uma média de seis a sete frases por dia, e às vezes só uma vira guardanapo. Milhares de frases não são usadas<sup>29</sup>.

Sendo assim, a comunicação que se estabelece é interna: assuntos de interesse geral, presentes na vida de qualquer pessoa. A relação entre autor e leitores, em termos de conteúdo, é assimétrica – uma autoridade que se dirige ao grande público – e, em termos de agenda de produção, é simétrica – Carpinejar decide sobre o que escrever e o público, ainda que sob mediação do autor, decide quais de suas frases são transformadas em guardanapos. Consideramos essa troca constitutiva do Guardanapário enquanto prática sociocomunicativa (MARCUSCHI, 2005; 2008).

A divulgação dos aforismos em suporte guardanapo se dá sobretudo digitalmente, via Instagram, Facebook e Twitter, mas também de maneira impressa e manuscrita. A primeira e única iniciativa de um Guardanapário impresso se deu com *Liberdade na vida é ter um amor para se prender* (2017),

---

<sup>29</sup> *Processo criativo dos guardanapos*, entrevista publicada no Facebook do autor no dia 20 de março de 2023.

livro que reúne alguns guardanapos selecionados pelo autor. Um deles recebeu destaque como capa e título. Já os manuscritos são distribuídos aos leitores esporadicamente, como brindes que acompanham certos lançamentos do autor. Tal prática foi feita durante a campanha de divulgação dos livros *Colo, por favor!* (2020) e *Coragem de viver* (2021). Em raras ocasiões, manuscritos são também entregues em mãos a amigos, familiares e conhecidos do autor. Há casos de manuscritos que são emoldurados e expostos<sup>30</sup>.

Recentemente, conforme dissemos no capítulo 2, vários leitores do Guardanapário passaram a tatuar os aforismos, em flagrante apropriação desse gênero e atribuição de novos sentidos. Muitos deles mantiveram inclusive a caligrafia original do autor e sua assinatura, preservando a identidade visual já consolidada nas redes sociais e amplamente conhecida pelo público. A pele, portanto, constitui uma nova forma de divulgação do Guardanapário.

O suporte guardanapo, mais do que mero conduto de transmissão, foi originalmente concebido pelo escritor como crítica social:

Escrever é combater o descarte, o utilitarismo. Ao escrever num guardanapo, você cria uma singularidade, dando a ele uma sobrevida. (...) Transformei um símbolo de descarte em permanência<sup>31</sup>.

A referida “permanência” das frases é reforçada ao receber por parte dos leitores um novo suporte: a própria pele. Corpos, finitos por natureza, assumem o paradoxo aforístico da permanência: assim como os guardanapos, também são descartáveis em uma sociedade de consumo que os considera massa de manobra. Antes mesmo de sua morte física, são tomados por descartáveis ideologicamente. Nesse sentido, Carpinejar lança questões para reflexão: “quem já não se sentiu descartado como um guardanapo? Quem já não se sentiu posto fora?”<sup>32</sup>. Um aforismo parece encerrar a essência de nossa presente reflexão:

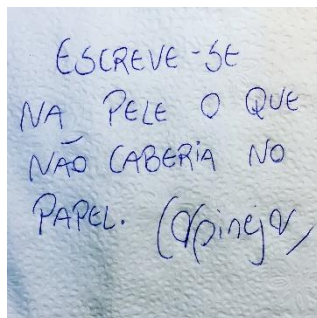
---

<sup>30</sup> Ver *Poemas de Carpinejar viram tatuagens*, matéria publicada no dia 15 de abril de 2021, na revista *Ofluxico*.

<sup>31</sup> *Processo criativo dos guardanapos*, entrevista publicada no Facebook do autor no dia 20 de março de 2023.

<sup>32</sup> Carpinejar, op. cit.

Figura 14 - Reflexão sobre tatuagem (guard2454)



Fonte: Fabrício Carpinejar (2022).

### 5.3 NÍVEL DO CONTEÚDO SEMÂNTICO

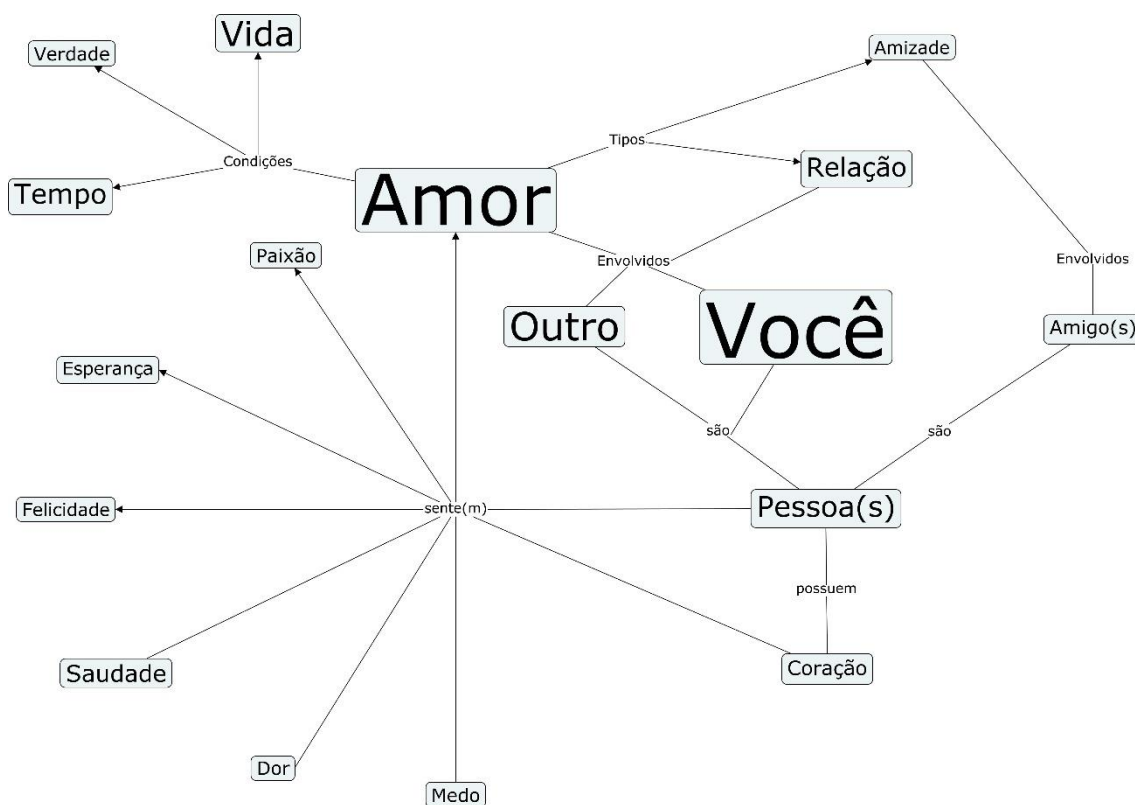
#### 5.3.1 Tema

Segundo Biderman (1998), as palavras lexicais mais frequentes de um *corpus* tendem a ser seus tópicos. A palavra lexical mais frequente e de maior chavidade é *amor*, um candidato a tópico que se confirmou em nossa análise qualitativa. Eis o grande tema em que se alicerça grande parte dos guardanapos. Percebemos que as demais palavras lexicais de frequência considerável se mostram implicadas em *amor*, pois dão as condições e as circunstâncias nas quais este se manifesta. Todas essas palavras possuem frequência no Guardanapário muito superior a suas tímidas aparições no nosso *corpus* de referência de textos jornalísticos. Aparecem em posições de destaque na lista de *keyword* do AntConc, o que nos indica que são conceitos-chave na rede conceitual de *amor*. Após uma análise qualitativa do *corpus*, ilustramos as palavras lexicais de maior frequência e a palavra gramatical *você* por tamanho correspondente ao número de ocorrências e as dispusemos de forma hierárquica no mapa conceitual<sup>33</sup> a seguir:

---

<sup>33</sup> Para elaborar o mapa conceitual aqui apresentado, utilizamos a versão 6.04 do programa Cmap Tools, disponível gratuitamente neste endereço: <https://cmap.ihmc.us/cmptools/cmptools-download/>.



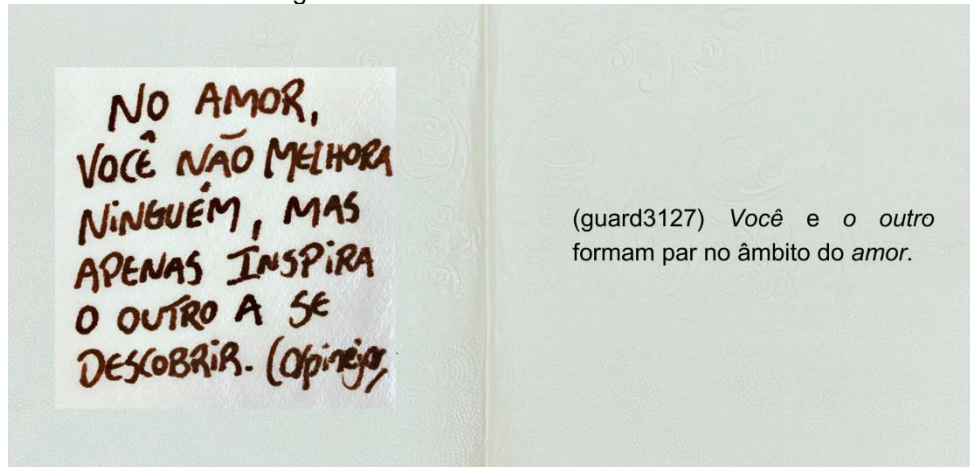
Figura 15 - Mapa conceitual: palavras lexicais mais frequentes do Guardanapáριο<sup>34</sup>

Fonte: a autora (2023).

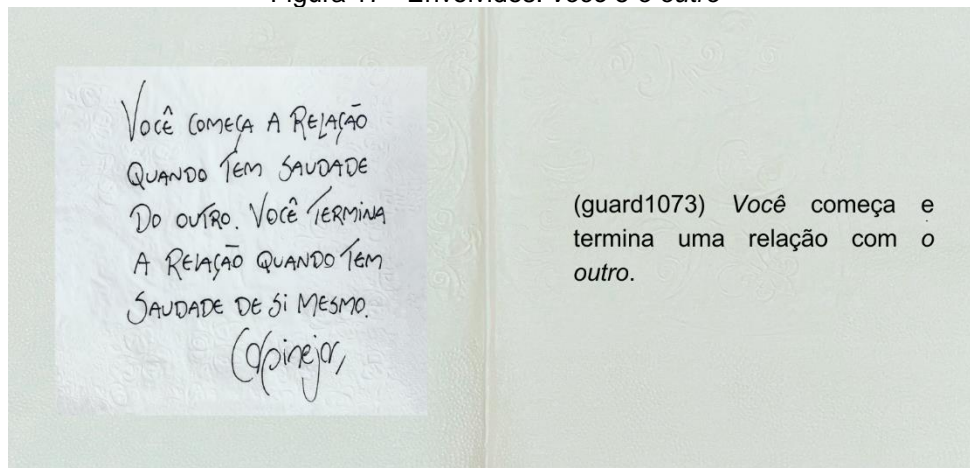
### 5.3.2 Envolvidos

A segunda palavra de maior chavicidade é *you*. É bem verdade que o autor se dirige diretamente ao leitor por meio de *you*. Contudo, não podemos considerar sua função meramente gramatical – um pronome pessoal do caso reto. O autor não apenas conversa com o leitor, mas também o inclui dentro de generalizações, tornando-o uma das duas partes envolvidas em uma *relação* ou *amizade*. *You*, portanto, funciona como uma palavra lexical, dotada de conteúdo, e faz parte da temática do Guardanapáριο. Abaixo, separamos dois exemplos:

<sup>34</sup> Fizemos uso de setas com palavras-chave para relacionar os conceitos, tal como recomenda Marco Antonio Moreira (1997).

Figura 16 - Envolvidos: *you* e o *other*

Fonte: a autora (2023).

Figura 17 - Envolvidos: *you* e o *other*

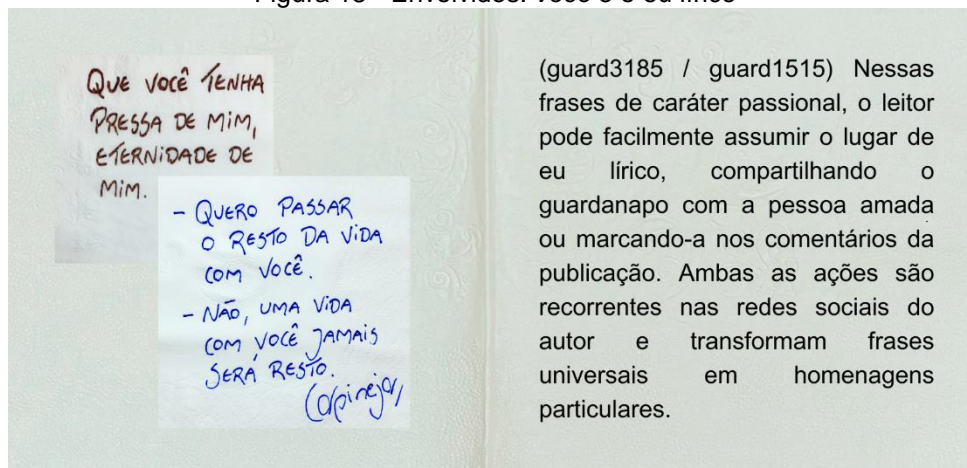
Fonte: a autora (2023).

Dado o conteúdo das frases – que contempla o universal, com situações e sentimentos cotidianos, comuns a todos –, seria possível substituir *you* por *ser humano* sem grandes perdas de sentido. Trata-se de um *you* genérico, definido por Maria Helena de Moura Neves como “referenciação genérica”: “VOCÊ = uma pessoa, seja qual for” (NEVES, 2011, p. 463). Ataliba de Castilho (2016, p. 298) classifica a referenciação genérica na posição de sujeito, conforme vimos nos exemplos acima (Figura 16 e Figura 17), como “sujeito indeterminado”. Carpinejar não tem em mente um interlocutor específico: procura abarcar o maior número possível de leitores em suas máximas sobre o comportamento humano. Em todo caso, por meio do uso de *you*, assim como na linguagem publicitária, a frase ganha força: o leitor é convocado a ler algo que – embora universal, ou justamente por isso – também lhe diz respeito de forma

particular. Atentamos, novamente, à quinta lei de Geary (2007): um aforismo deve ser filosófico. Conforme esse autor explica, o aforista é aquele que nos dá pistas, que jamais são atalhos: cada um trilha seu próprio caminho.

Outras vezes, o eu lírico, em primeira pessoa, faz par romântico com o leitor:

Figura 18 - Envolvidos: você e o eu lírico



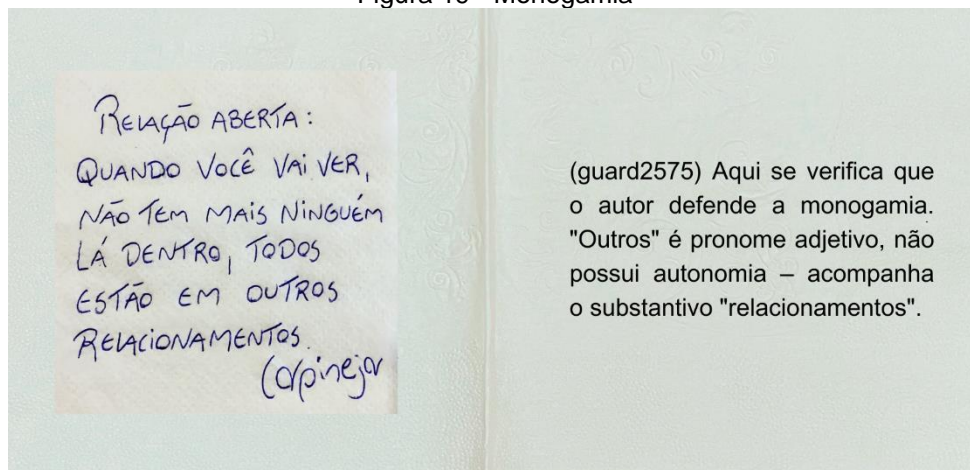
Fonte: a autora (2023).

Nos dois casos da Figura 18, impera a função dêitica para *you*, isto é, a de fazer referência “a uma pessoa que pertence ao circuito de comunicação” (NEVES, 2011, p. 450). Isso, no entanto, não muda seu estatuto de par romântico. Seja mais dêitico ou mais genérico, *you* está envolvido no âmbito do *amor* e faz parte dessa temática.

*Outro*, por sua vez, aparece sempre precedido do artigo “o” quando possui o sentido de contraparte envolvida em uma *relação*. Das 481 ocorrências desse pronome indefinido em todas as suas formas de gênero e número (*outro/s*, *outra/s*), 357 são o *outro* – um pronome substantivado, isto é, uma palavra lexical, autônoma, dotada de significado. Assim como *you*, o *outro* se emancipou da função meramente gramatical de pronome e ganhou lugar de destaque na rede de conceitos do âmbito do *amor*. Seu uso, tão frequente no Guardanapário, destaca-se em relação ao *corpus* de referência, que possui somente 4 ocorrências, sendo apenas uma delas substantivação (em citação direta da fala de uma pessoa).

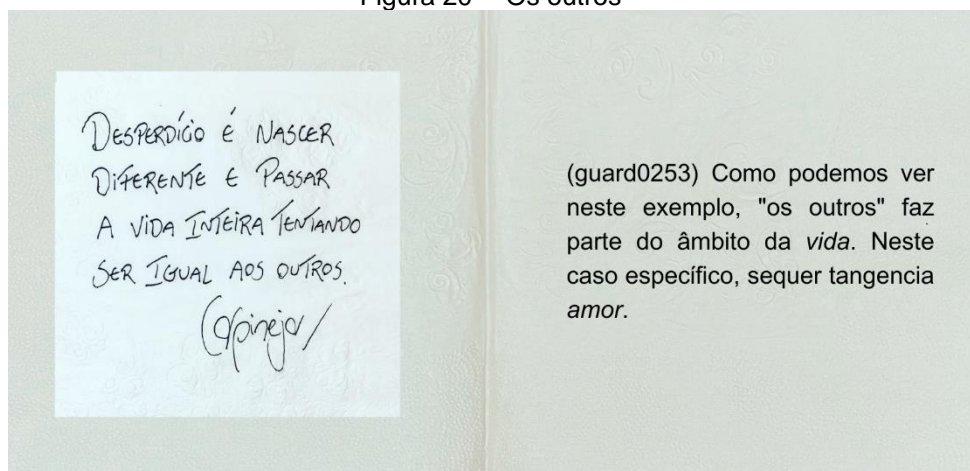
Em razão da generalização, conforme veremos em detalhes na seção 5.4, *o outro* aparece no masculino, no singular e acompanhado de artigo definido. Além disso, o singular deixa subentendida a monogamia da *relação*, um valor cristão defendido pelo autor; não dá lugar a *outros*.

Figura 19 - Monogamia



Fonte: a autora (2023).

Figura 20 - "Os outros"



Fonte: a autora (2023).

O pronome substantivado “os outros” (20 ocorrências) possui frequência quase onze vezes inferior a “o outro” (215 ocorrências) no Guardanapáριο e, em geral, faz parte da grande temática de *vida*, que pode ou não contemplar a de *amor*.

### 5.3.3 Tipos de *amor*

Entre as palavras mais frequentes, foi possível identificar dois tipos antagônicos: *relação* (com sentido de relação amorosa, romântica, passional) e *amizade*. O interessante de pesquisar a fundo o léxico de determinado escritor é que algumas palavras adquirem sentidos muito específicos, um movimento análogo a terminologias em línguas de especialidade. Não por acaso, várias produções literárias receberam dicionários<sup>35</sup>. Se consultarmos qualquer dicionário de língua geral, pois, encontraremos uma série de acepções abrangentes para *relação*, mas provavelmente nenhuma corresponda exatamente ao que Carpinejar quis dizer com essa palavra. O Aulete<sup>36</sup>, por exemplo, traz uma série de acepções, entre as quais destacamos esta:

(...) Vínculo afetivo ou profissional; RELACIONAMENTO: a relação do casal: A relação entre os funcionários é respeitosa (Lexikon Editora Digital; 2023).

Tal definição abrange o sentido de *relação* do Guardanapário – “relacionamento” – e traz um exemplo que nos interessa – “a relação do casal”. No entanto, existem algumas nuances, algumas particularidades de Carpinejar que não encontramos em nenhum dicionário. Por exemplo, a inusitada antonímia entre *relação* e *amizade* e a sinonímia entre *relação* e *amor*.

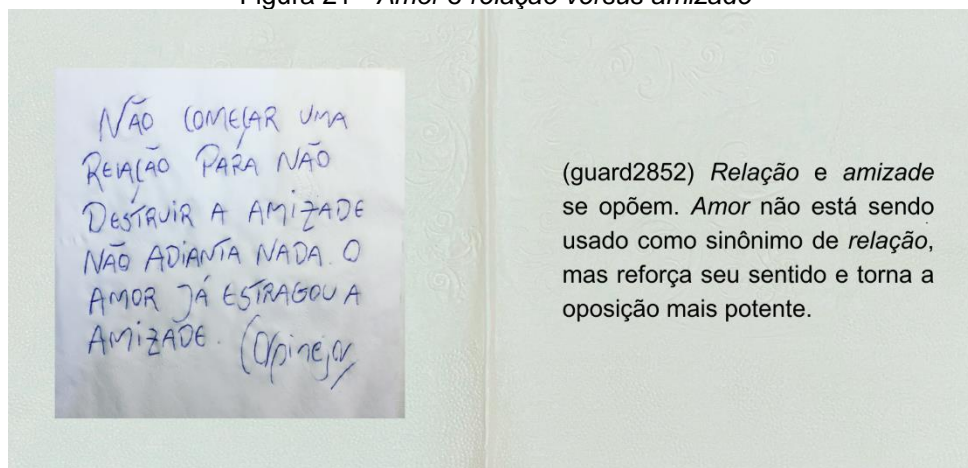
---

<sup>35</sup> Ver, por exemplo, o *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas* (2018), de Castelar Carvalho, e o *Dicionário de Luís de Camões* (2011), sob coordenação de Vítor Aguiar e Silva. Soma-se ao léxico específico o fato de as obras desses autores apresentarem variedades históricas de língua.

<sup>36</sup> Disponível em: <https://aulete.com.br/rela%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 2 de abril de 2023.

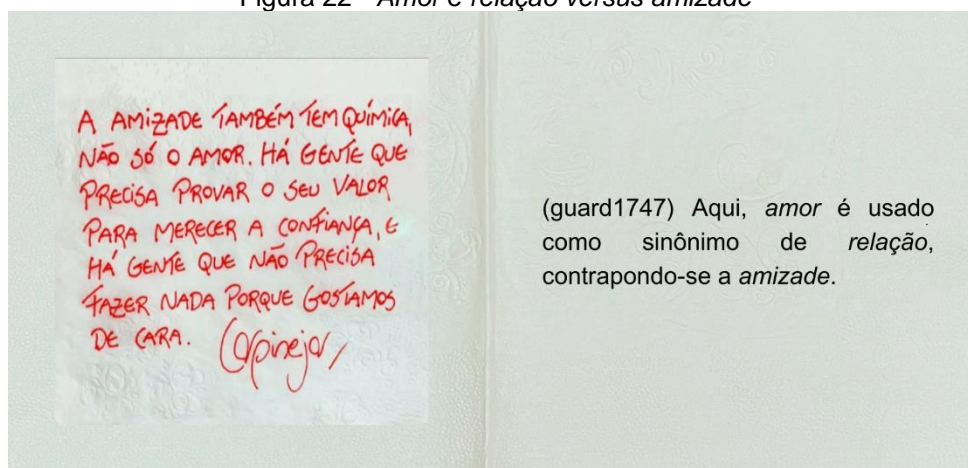


Figura 21 - Amor e relação versus amizade



Fonte: a autora (2023).

Figura 22 - Amor e relação versus amizade



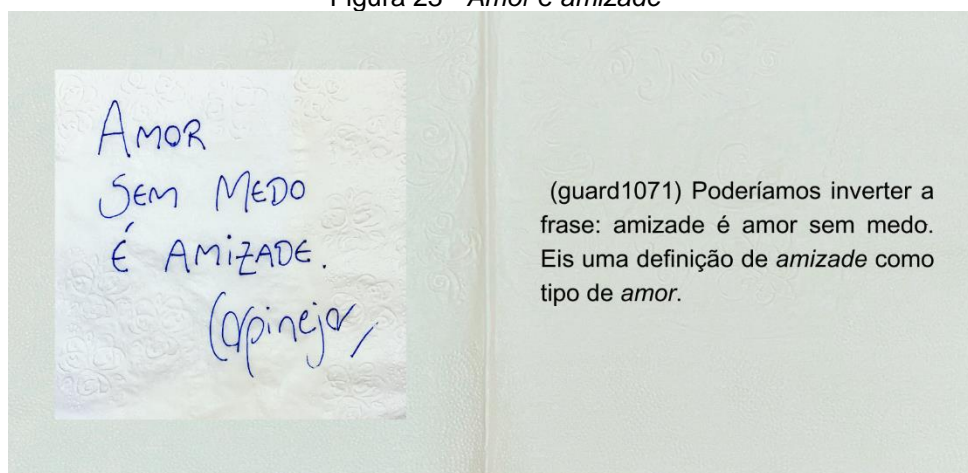
Fonte: a autora (2023).

Além de *amor*, *relação* possui outros sinônimos – *relacionamento* (32 casos), *romance* (15 casos) – e hipônimos, isto é, tipos de *relação* – *casamento* (32 casos), *namoro* (7 casos). *Relação* dispara no topo dessa lista com muito mais frequência (181 casos), mostrando-se uma escolha altamente específica do autor. Curiosamente, essa proporção mudaria se estivéssemos analisando crônicas do mesmo autor no lugar de guardanapos, pois Carpinejar, salvo em algumas exceções, segue o princípio de evitar repetição de palavras lexicais em um texto<sup>37</sup>. Tal problemática não se verifica nos guardanapos, cujo espaço reduzido dispensa retomadas no mesmo texto.

<sup>37</sup> Para citar exemplos, eis alguns textos do autor em que *relação* (amorosa) aparece uma única vez, de sua coluna diária no jornal Zero Hora: *A tirania da felicidade* (9 dez. 2022); *A primeira*

*Amor* é um termo peculiar, o mais frequente de todo o *corpus* (842 casos). No mapa conceitual, consideramos que se dá sob a forma de *relação* ou de *amizade* (tipos de *amor*), mas nem sempre é assim: sofre variação. Acima, foi usado como sentimento exclusivo de uma *relação* (Figura 21) e como sinônimo de *relação* (Figura 22). Esses são seus sentidos mais recorrentes no Guardanapário. Em uma minoria de casos, *amor* também é admitido sob a forma de *amizade*:

Figura 23 - Amor e amizade



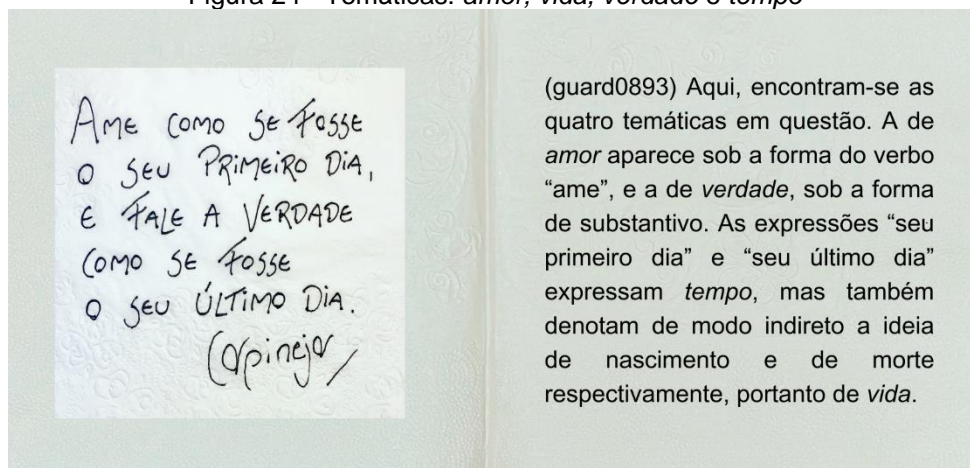
Fonte: a autora (2023).

### 5.3.4 Condições

Para que o *amor* aconteça, é preciso haver *vida*, *verdade* e *tempo*. Essas condições se materializam nos *clusters*<sup>38</sup> “amor da sua vida”, “amor verdadeiro”, “amor antigo” etc. Tais *clusters*, porém, são pouco frequentes, apenas sintomas de algo maior. O que ocorre de fato é o entrelaçamento dessas grandes temáticas. Como nem sempre se materializam sob a mesma forma – a temática de *amor* pode aparecer não só como substantivo, por exemplo, mas também com o verbo “amar” em todas as suas conjugações –, a melhor maneira de rastrear temas e suas relações entre si é uma análise qualitativa.

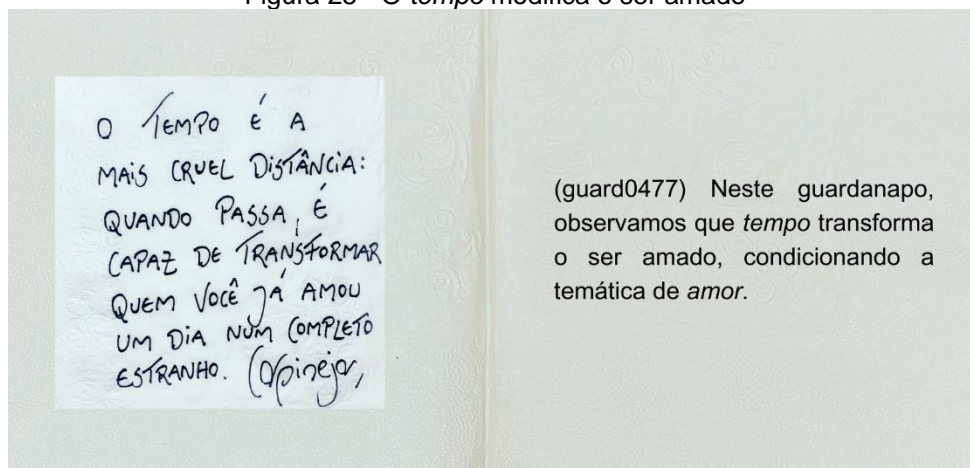
*noite de um homem* (27 dez. 2022); *Homem-orégano* (16 jan. 2023); *Quando você não se importa mais* (19 jan. 2023); *Conversa grampeada* (31 jan. 2023); *Audiometria* (28 fev. 2023).

<sup>38</sup> Segundo Bevilacqua (2018), a ferramenta *cluster* do AntConc gera, a partir de uma palavra de busca, uma lista de agrupamentos constituídos por uma ou mais palavras que ocorrem junto dessa palavra de busca de forma padronizada.

Figura 24 - Temáticas: *amor, vida, verdade e tempo*

Fonte: a autora (2023).

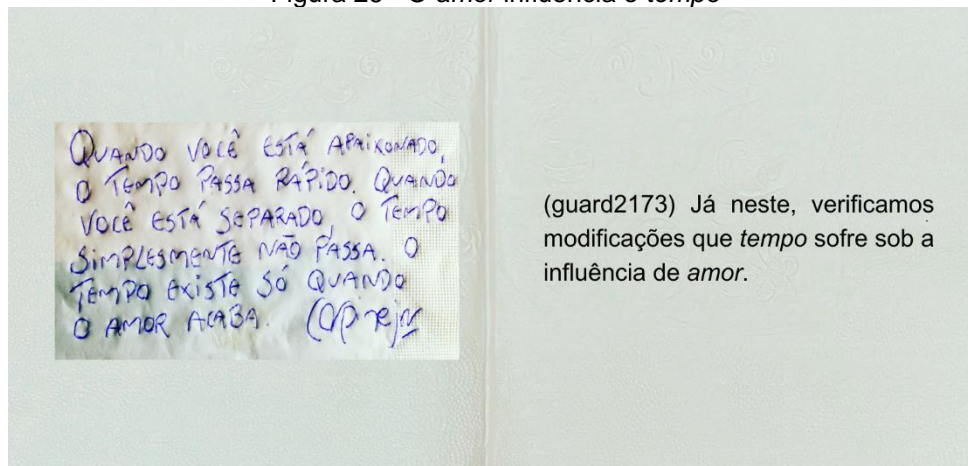
Convém salientar que essas quatro temáticas – *amor, tempo, vida e verdade* – possuem relativa independência entre si, podendo aparecer tanto sozinhas quanto implicadas. Dada essa autonomia, se, por um lado, o *amor* é condicionado por essas outras temáticas, por outro, não o é passivamente: exerce influência sobre elas.

Figura 25 - O *tempo* modifica o ser amado

Fonte: a autora (2023).



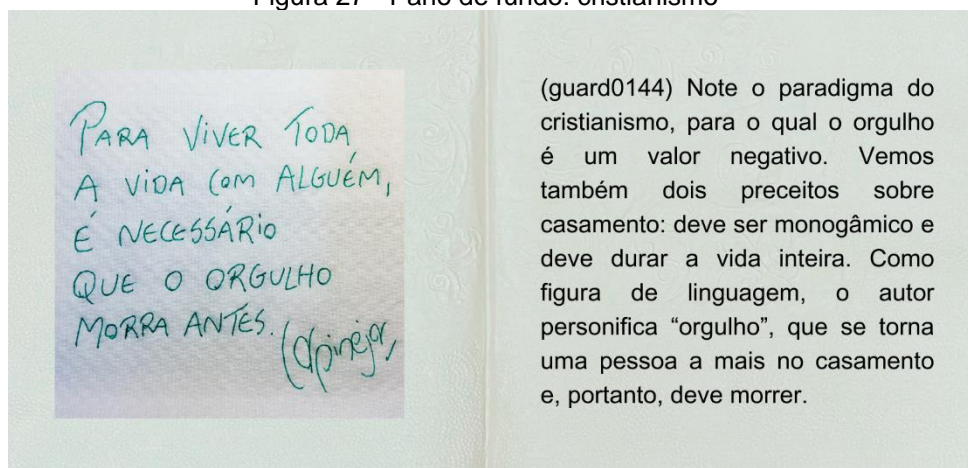
Figura 26 - O amor influencia o tempo



Fonte: a autora (2023).

### 5.3.5 Paradigmas sociais

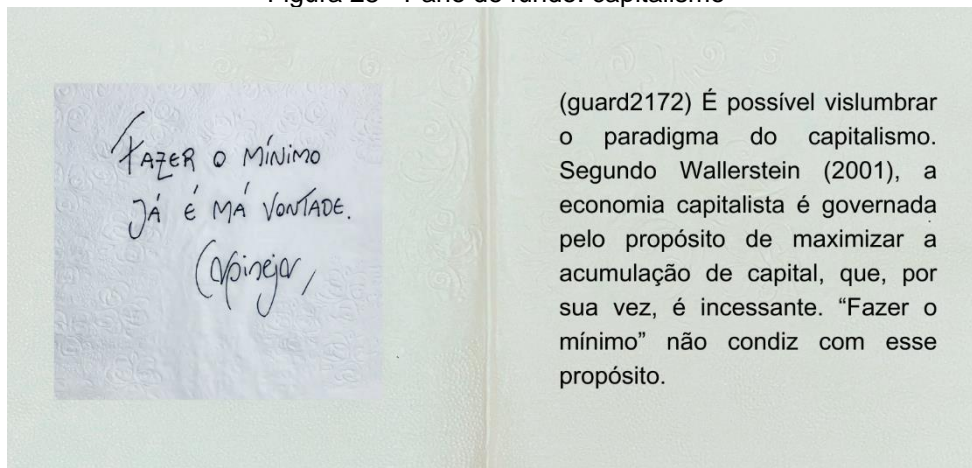
Entendemos como paradigmas certas instituições que subjazem aos guardanapos, servindo de base ao raciocínio do autor. Encerram uma série de princípios norteadores da vida cotidiana que nos são inculcados pela sociedade desde a mais tenra idade. No Guardanapário, materializam-se implicitamente, sobretudo sob a forma de práticas e juízos de valor. Nos exemplos abaixo, temos, respectivamente, os paradigmas do cristianismo e do capitalismo:

Figura 27 - Pano de fundo: cristianismo<sup>39</sup>

Fonte: a autora (2023).

<sup>39</sup> Sobre o orgulho na Bíblia Sagrada, vejamos, por exemplo, Samuel 2:3: “Não continueis a falar tão orgulhosamente; não saiam da vossa boca palavras arrogantes, porque Jeová é Deus que tudo sabe, e por ele são pesadas as ações” (Sociedade Bíblica do Brasil, 1946, p. 618).

Figura 28 - Pano de fundo: capitalismo



Fonte: a autora (2023).

Dos 3.297 guardanapos transcritos, apenas sete nomeiam a “Deus”, nenhum nomeia a “Jesus” e nenhum menciona “capitalismo”. Portanto, as aparições desses paradigmas são, no geral, implícitas.

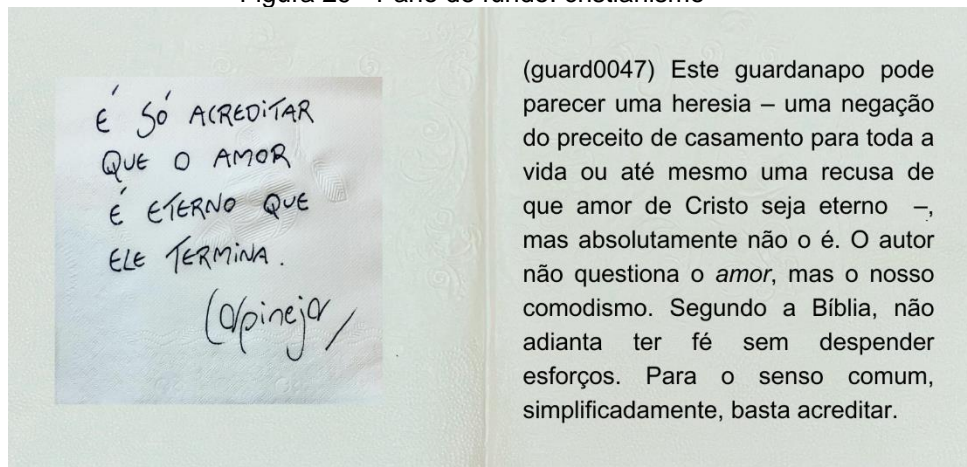
O paradigma do cristianismo surgiu a partir de um texto fundamental, a Bíblia. Em *O mundo da escrita: como a literatura transformou a civilização*, Martin Puchner descreve os textos fundamentais como

(...) textos que acumulam poder e significado ao longo do tempo, de tal modo que se tornam códigos-fonte para culturas inteiras, contando aos povos de onde eles vieram e como deveriam levar suas vidas (PUCHNER, 2019, p. 13).

A Bíblia é o texto fundamental preponderante em nossa cultura. Tanto é assim que dividimos a história em antes e depois de Cristo – uma licença poética, já que, no livro sagrado, a data de nascimento de Jesus não é mencionada. Provavelmente, a maior parte do que dizemos estabeleça intertextualidade com a Bíblia, seja para corroborá-la, seja para negá-la. Isso se dá de maneira refletida para quem a leu e irrefletida para quem não a leu. Entre esses dois extremos, existem muitas nuances: ir à missa, conversar com alguém que leu a Bíblia, ler histórias baseadas na Bíblia, ouvir canções cristãs, conhecer ditados populares com referências bíblicas, comemorar o Natal e a Páscoa etc. Não é preciso estudar a Bíblia a fundo para receber sua influência, tão institucionalizada que chega a ser difícil de rastrear. Nesse sentido, o paradigma é o pano de fundo sobre o qual o senso comum cria e recria significados, em uma infinita releitura

do texto fundamental, distorcendo-o, fragmentando-o, simplificando-o, transformando-o.

Figura 29 - Pano de fundo: cristianismo<sup>40 41</sup>



Fonte: a autora (2023).

Aqui utilizamos “senso comum” em relação estrita com língua geral: é o conjunto de conhecimentos sobre a Bíblia que mobilizamos nas falas do dia a dia (conversas, ditados como “Deus ajuda a quem cedo madruga”, expressões como “vai com Deus”, atos da cerimônia de casamento como “até que a morte os separe” etc.), com relativa distância de qualquer área de especialidade que estude esse texto fundamental como objeto de estudo (a Teologia, por exemplo). “Senso comum” está no singular; seu sentido, no entanto, é plural. Não existe unanimidade no senso comum. Tampouco existe unanimidade entre as traduções da Bíblia, escritas nos mais diversos estilos e pautadas pelas mais variadas interpretações da compilação original em hebraico<sup>42</sup>. O que lemos nos guardanapos, portanto, é o posicionamento de um autor sobre os preceitos bíblicos e sua própria ideia de senso comum, com o qual, em entrevista<sup>43</sup>, ele afirma conversar.

<sup>40</sup> Sobre o amor eterno de Jesus, vejamos, por exemplo, Jeremias 31:3: “Da terra longínqua apareceu-me Jeová, dizendo: Com amor eterno te amei, portanto com benignidade te atraí” (Sociedade Bíblica do Brasil, 1946, p. 1758).

<sup>41</sup> Sobre fé e esforços na Bíblia Sagrada, vejamos, por exemplo, o Salmo 128:1-2: “Feliz é todo aquele que teme a Jeová, que anda nos seus caminhos. Pois comerás do trabalho das tuas mãos; feliz serás, e te irá bem” (Sociedade Bíblica do Brasil, 1946, p. 1422).

<sup>42</sup> Sobre a história dos escritos bíblicos, ver Puchner (2019).

<sup>43</sup> *Processo criativo dos guardanapos*, entrevista publicada no Facebook do autor no dia 20 de março de 2023.

### 5.3.6 Sobre o tema e sua organização

Tendo em vista as duas funções principais dos guardanapos – o autor se expressa e direciona o leitor, conforme já vimos na seção 5.1 – as atitudes temáticas são a atribuição de valor positivo aos paradigmas e negativo ao que o autor considera senso comum, no intento de conduzir os leitores à adesão dos paradigmas por ele defendidos. Tais atitudes são explícitas, isto é, o autor expõe com convicção o seu ponto de vista, o que se verifica claramente em frases assertivas com construções do tipo “é” / “não é” e verbos conjugados no presente<sup>44</sup>. Existem algumas modulações – “talvez”, “pode” seguido de verbo principal etc. –, mas são escassas. A perspectiva sobre o tema costuma ser atentar-se a fatos corriqueiros que passam despercebidos aos olhos dos leitores, bem como ressignificá-los por meio da desconstrução do senso comum. Essa tomada de consciência que Carpinejar provoca em seus leitores no gênero aforístico se aproxima do que é denominado, no gênero acadêmico, de divulgação.

Quanto aos desdobramentos temáticos, predominam a argumentação e a exposição, mas também se fazem presentes a narração, a injunção e a descrição. Segundo Marcuschi (2005), tipos textuais se caracterizam pelo predomínio de um tipo de sequência de base. Em textos argumentativos, predominam sequências contrastivas explícitas: “figurinha repetida não completa o álbum, mas serve para trocar”<sup>45</sup>; “o amor público recebe a fama, mas o amor discreto é o mais profundo”; “não precisa pular fora da relação, pode sair caminhando”; “sinceridade, sem educação, não serve para nada” (grifos nossos). Em textos expositivos, predominam sequências analíticas: “quem fala ‘tá bom’ já saiu da conversa”; “no fim do amor, o coração é somente uma caixinha de papelão. É preciso segurar o peso da saudade por baixo para não arrebentar”; “quando se ama, o chão já é cama, as estrelas formam o teto, a casa é o corpo do outro”. Em textos narrativos, predominam as sequências temporais: “eu me preparei tanto para viver que fiquei no rascunho”; “eu pensei que nunca teria filhos. Eu pensei que nunca dividiria a casa com alguém. Eu pensei que nunca seria dependente do olhar de uma mulher. Eu pensei que nunca teria dinheiro.

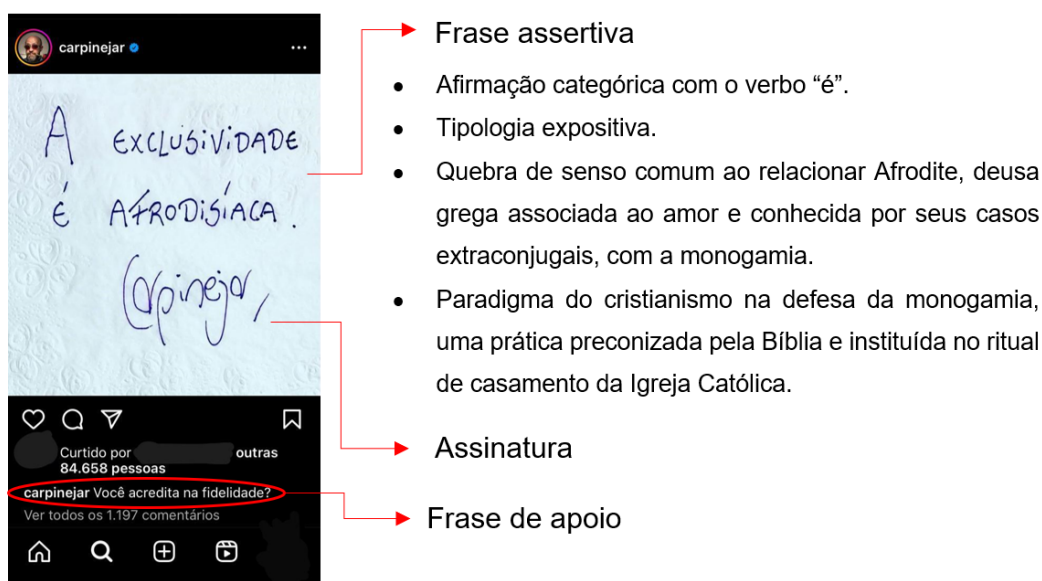
<sup>44</sup> Trataremos disso em detalhes na seção 4.4.2.

<sup>45</sup> Todos os exemplos foram extraídos do Guardanapário.

Eu pensei que nunca seria feliz. Eu pensei, mas fui fazendo, fazendo, fazendo. O impossível é apenas o sobrenome do medo”. Em textos injuntivos, predominam sequências imperativas: “em 2022, que tenhamos o corpo fechado e a alma aberta”; “para não ter recaídas, evite contato. Não tente ser mais forte do que a pele”. Em textos descritivos, predominam sequências de localização: “no abraço, as confissões são feitas sem palavras”.

As partes textuais são cinco: (1) título opcional, (2) uma frase ou mais, (3) assinatura do autor, (4) propaganda/dedicatória opcionais (em suporte guardanapo); (5) frase de apoio, geralmente sob a forma de pergunta (externa ao guardanapo, na plataforma de publicação). A frase de apoio tem a função de engajar os comentários dos leitores, chamando-os para a discussão. A seguir, trazemos um exemplo de guardanapo publicado no Instagram do autor no dia 1º de dezembro de 2021:

Figura 30 - Partes textuais<sup>46</sup>



Fonte: a autora (2023).

<sup>46</sup> Sobre a monogamia na Bíblia Sagrada, vejamos, por exemplo, Coríntios 7:2: “(...) cada um tenha sua mulher, e cada uma, seu marido” (Sociedade Bíblica do Brasil, 1946, p. 2498).

## 5.4 NÍVEL FORMAL-GRAMATICAL

### 5.4.1 Artigos definidos

Abaixo, contrastamos, com o auxílio da ferramenta *word list* do AntConc, as quatro palavras gramaticais mais frequentes dos dois *corpora*:

Quadro 1 - As quatro palavras gramaticais mais frequentes de cada *corpus*

<i>Corpus</i> de referência	Guardanapário
de	o
a	a
o	é
que	não

Fonte: AntConc (2023).

Devido ao caráter mais extenso dos textos de jornal, constata-se a abundância de subordinação com “que” e de complementos ou relações semânticas iniciados por “de”. No Guardanapário, diferentemente, a primazia dos artigos definidos no singular, do verbo “ser” e do pronome de negação “não” – em detrimento dos recursos “de” e “que”, mais frequentes no *corpus* de referência – evidenciam frases de pouca complexidade sintática. Em conversa que tivemos por telefone, de fato, Carpinejar revelou seu intento de dizer o máximo com o mínimo possível de palavras. O autor define aforismo, ainda, como “um pensamento-centauro”<sup>47</sup>, em que impera “a capacidade de ser breve”<sup>48</sup>. Nesse sentido, a sintaxe simples não indica pobreza de conteúdo, antes o contrário: quanto mais breve e objetivo for o aforismo, maiores serão sua eficiência e adequação. Objetividade e brevidade são, pois, as máximas retórico-estilísticas do gênero. Corroboramos, com essas máximas, a primeira lei de Geary (2007): um aforismo deve ser breve.

Outro ponto a se considerar é a frequência superior do artigo masculino em relação ao feminino, situação inversa à do *corpus* de referência. Acreditamos

<sup>47</sup> *Processo criativo dos guardanapos*, entrevista publicada no Facebook do autor no dia 20 de março de 2023.

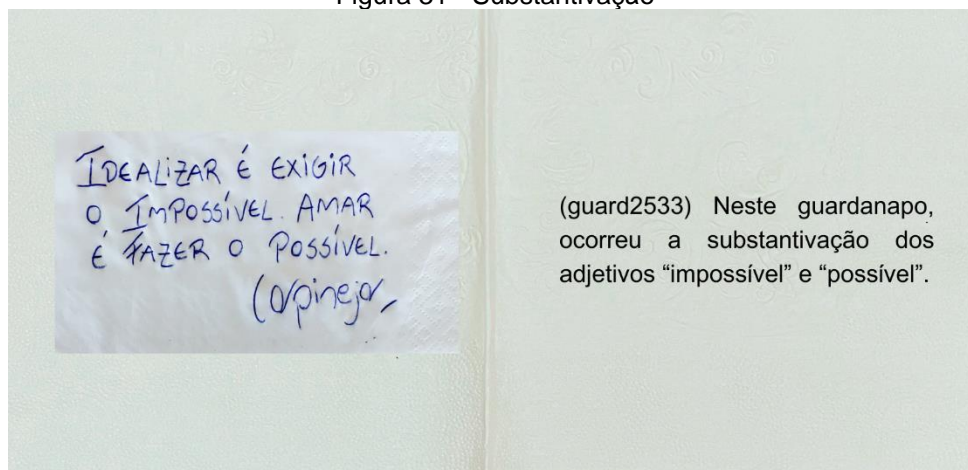
<sup>48</sup> Carpinejar, op. cit.



que isso decorre das numerosas generalizações sobre o comportamento humano, que se dão preferencialmente no masculino. Só essa explicação, no entanto, mostra-se insuficiente – os textos de jornal também utilizam o masculino genérico para designar homens e mulheres. Além disso, em ambos os *corpora*, a palavra lexical mais frequente pertence ao gênero masculino: “presidente” no *corpus* de referência e “amor” no *corpus* de estudo. O fator realmente decisivo para a demanda inusitada do artigo “o” no Guardanapário parece ser o uso escasso de seu plural “os”, 15 posições abaixo do esperado na *word list*.

Segundo Neves (2018), há casos em que a entidade que o artigo definido acompanha está no singular, mas não se trata de uma entidade singular: é uma entidade enquanto classe.

Figura 31 - Substantivação



Fonte: a autora (2023).

Assim, no exemplo acima (Figura 31), “o impossível” é a classe que engloba todas as coisas impossíveis e “o possível” é a classe que engloba todas as coisas possíveis. Podemos citar outras classes do Guardanapário: “o outro” (todas as pessoas que sejam par romântico), “a mulher” (todas as pessoas do gênero feminino), “o bem” (tudo o que tiver a qualidade de ser bom), “o apaixonado” (todas as pessoas que sentirem paixão) etc. Essa indicação de classe, presente nas generalizações, é atribuída pelo artigo definido.

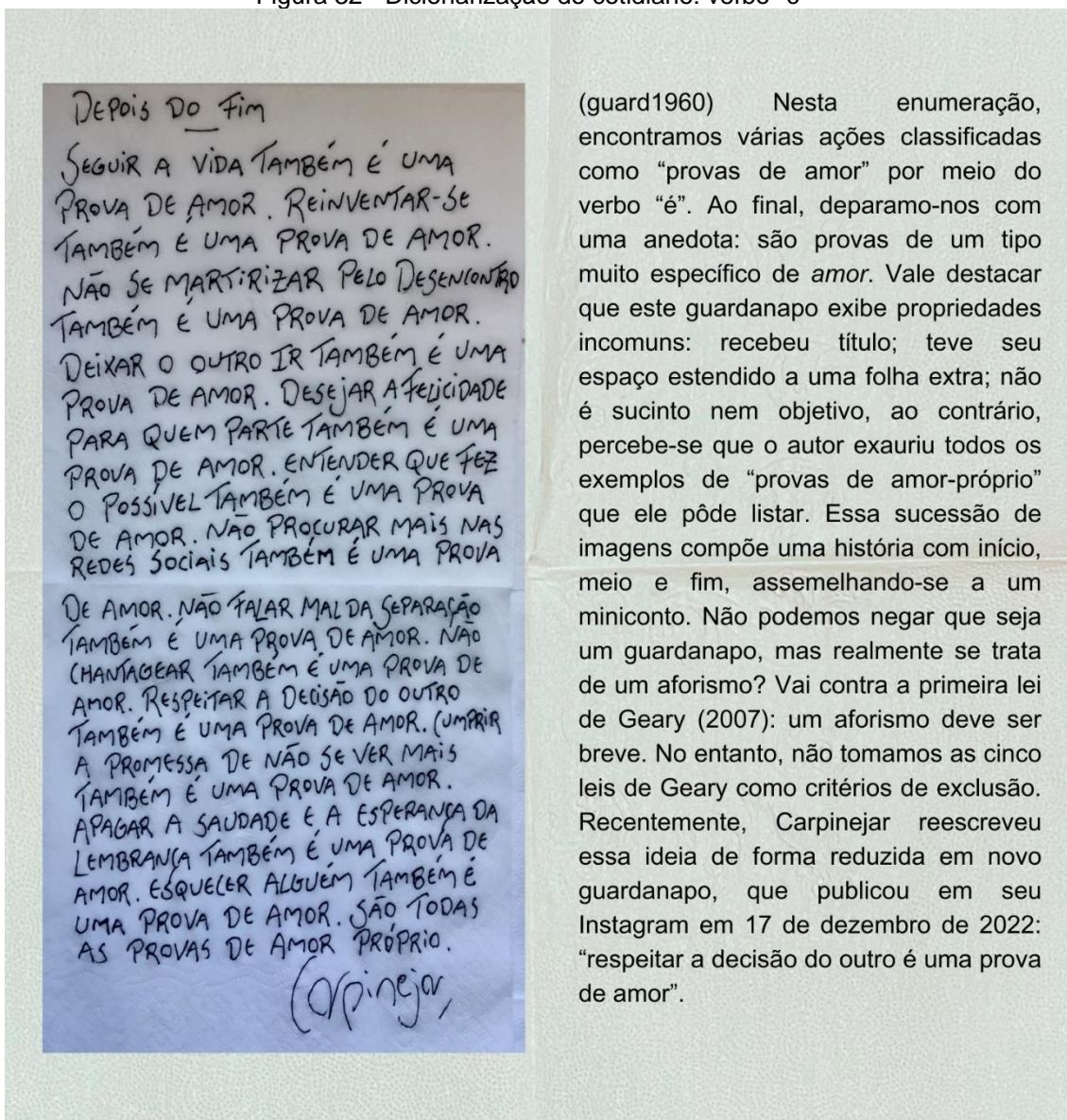
O *cluster* mais frequente com “o” à esquerda coincide no *corpus* de estudo e no *corpus* de referência: “o que”. O comportamento dessa estrutura, porém, tem diferença entre os dois *corpora*. No Guardanapário, “o que” exclusivamente

se refere a palavras (“só sabemos o que é liberdade quando a perdemos” – grifos nossos), enquanto nos textos jornalísticos, tanto se refere a palavras (“o líder trabalhista falou ainda sobre o que chamou de ‘ameaças à democracia em todo o mundo’” – grifos nossos) quanto a orações inteiras (“a suspeita em torno do ex-presidente é que ele tenha se beneficiado do apartamento sem pagar aluguel — o que Lula nega enfaticamente” – grifos nossos). Isso também decorre de uma sintaxe mais simples no Guardanapário.

#### **5.4.2 Ser ou não ser**

O Guardanapário encarna a grande questão de Hamlet: ser ou não ser. O verbo “é” e seu *cluster* mais frequente “não é” – duas palavras que estão no topo da *word list*, conforme vimos no Quadro 1 – evidenciam a tarefa que Carpinejar atribuiu a si de dicionarizar o cotidiano. Relacionamos essa dicionarização à terceira lei de Geary (2007): um aforismo deve ser definitivo; por vezes ele chega a assumir a forma de uma definição. O tempo verbal empregado por Carpinejar é o presente em sua função ôntica, isto é, a de expressar características tidas pelo autor como inerentes a seres, coisas e ações, conforme o exemplo abaixo:



Figura 32 - Dicionarização do cotidiano: verbo "é"<sup>49</sup>

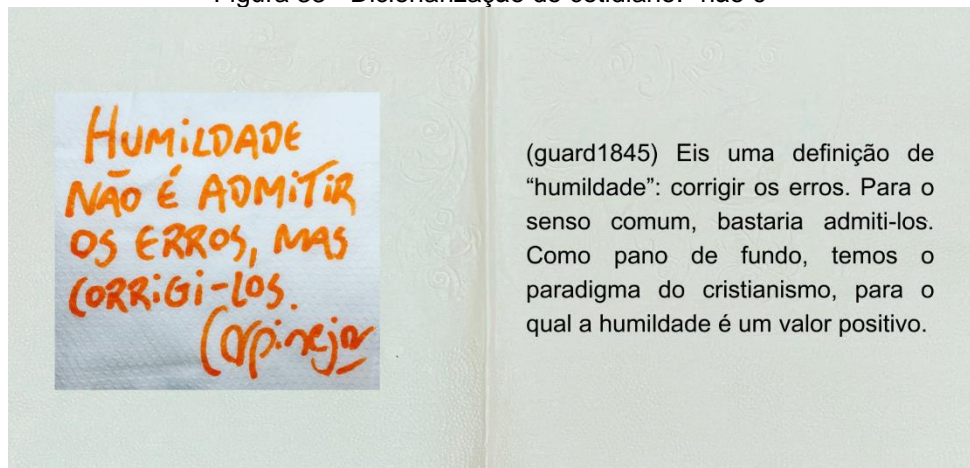
(guard1960) Nesta enumeração, encontramos várias ações classificadas como “provas de amor” por meio do verbo “é”. Ao final, deparamo-nos com uma anedota: são provas de um tipo muito específico de *amor*. Vale destacar que este guardanapo exhibe propriedades incomuns: recebeu título; teve seu espaço estendido a uma folha extra; não é sucinto nem objetivo, ao contrário, percebe-se que o autor exauriu todos os exemplos de “provas de amor-próprio” que ele pôde listar. Essa sucessão de imagens compõe uma história com início, meio e fim, assemelhando-se a um miniconto. Não podemos negar que seja um guardanapo, mas realmente se trata de um aforismo? Vai contra a primeira lei de Geary (2007): um aforismo deve ser breve. No entanto, não tomamos as cinco leis de Geary como critérios de exclusão. Recentemente, Carpinejar reescreveu essa ideia de forma reduzida em novo guardanapo, que publicou em seu Instagram em 17 de dezembro de 2022: “respeitar a decisão do outro é uma prova de amor”.

Fonte: a autora (2023).

Outra forma de caracterizar algo ou alguém é por meio da negação: “não é”. O autor costuma utilizar esse expediente para rejeitar verdades do senso comum e, em seguida, propor retificações, como ilustram os exemplos abaixo:

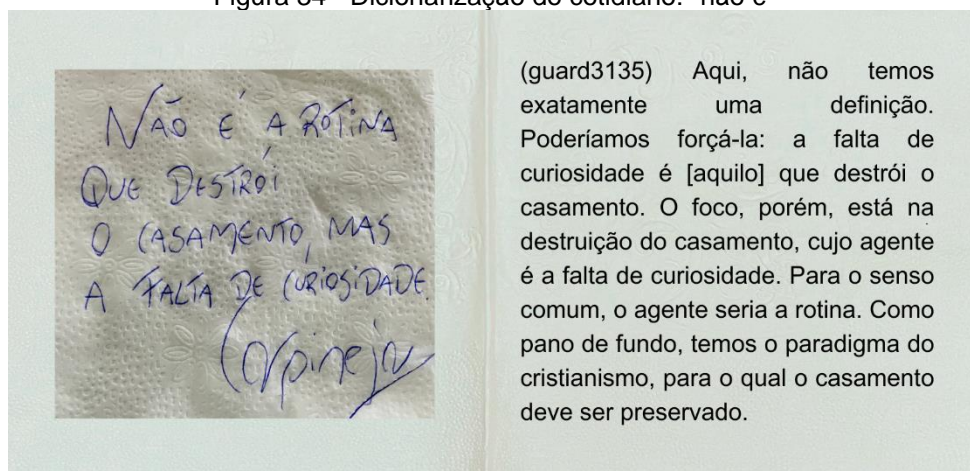
<sup>49</sup> Spalding (2012, p. 58) define Miniconto da seguinte maneira: “o miniconto é um gênero de texto extremamente contemporâneo, em que a brevidade do conto é levada a extremos como textos de um parágrafo e, até, de uma frase”.

Figura 33 - Dicionarização do cotidiano: "não é"



Fonte: a autora (2023).

Figura 34 - Dicionarização do cotidiano: "não é"



Fonte: a autora (2023).

Nos dois exemplos acima (Figura 33 e Figura 34), bem como em grande parte dos guardanapos, tendo em vista a ruptura com o senso comum, não vemos um estado de coisas e seres consensual. Trata-se de um mundo que o autor instaura na linguagem conforme acredita que *deveria ser*, e não conforme o mundo é para a sociedade, simbolizada pelo senso comum e pelos paradigmas.

### 5.4.3 Elemento acrescentado

De acordo com Mario Vargas Llosa, em seu livro *García Márquez: história de um deicídio*<sup>50</sup> (2022), o ofício do escritor de rebelar-se contra a realidade real e substituí-la pela realidade ficcional constitui um deicídio. Tal substituição não é integral: o escritor continua bebendo da realidade real como fonte, mas lhe acrescenta algo, o que Vargas Llosa denomina *elemento acrescentado*. Nesses termos, Carpinejar, um suplantador de deus, sente, ainda, a necessidade de povoar sua criação verbal, dando aos leitores o passe de ingresso por meio de conselhos mais ou menos explícitos.

Retomando os dois últimos exemplos (Figura 33 e Figura 34), vislumbramos quatro conselhos implícitos que, embora não estejam no imperativo, representam claramente o ponto de vista do autor: *corrija seus erros* (Figura 33) e *tenha curiosidade* (Figura 34) – elementos acrescentados ao paradigma do cristianismo, do qual depreendemos *seja humilde*<sup>51</sup> (Figura 33) e *não destrua o casamento*<sup>52</sup> (Figura 34). Repare que o senso comum é rechaçado, ao passo que o paradigma é mantido. Por meio desse mecanismo, o autor consegue produzir textos que são, ao mesmo tempo, subversivos e extremamente conservadores. A subversão se dá no combate ao senso comum, a camada mais visível do guardanapo, enquanto o conservadorismo se dá na adesão do paradigma, o pano de fundo.

Relacionamos o referido mecanismo – que aqui chamamos de *elemento acrescentado*, um termo emprestado de Vargas Llosa – com a quarta lei de Geary (2007): um aforismo deve conter uma guinada. Conforme vimos no capítulo 3, essa guinada se refere a uma inversão de sentidos.

---

<sup>50</sup> Esse livro de 1936, que foi tese de mestrado do escritor peruano Mario Vargas Llosa, apesar de ter seu foco na obra do colombiano Gabriel García Márquez, traz técnicas e reflexões sobre o fazer narrativo que, conforme acreditamos, podem ser estendidas às obras de muitos outros autores.

<sup>51</sup> Sobre humildade na Bíblia Sagrada, vejamos, por exemplo, Mateus 5:2: “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Sociedade Bíblica do Brasil, 1946, p. 2114).

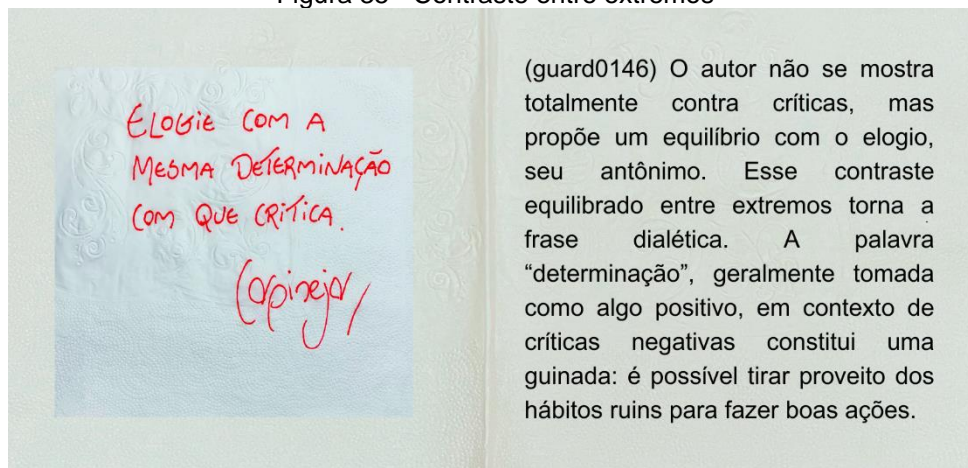
<sup>52</sup> Sobre manutenção do casamento, vejamos, por exemplo, Marco 10:6-12: “(...) desde o princípio da criação, Deus fê-los homem e mulher; por essa razão, o homem (...) será com sua mulher uma só carne. Assim, já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem (...) Aquele que repudiar sua mulher e casar com outra comete adultério contra a primeira; e, se ela repudiar seu marido e casar com outro, comete adultério” (Sociedade Bíblica do Brasil, 1946, p. 2210).



#### 5.4.4 Exagero e contraste de extremos

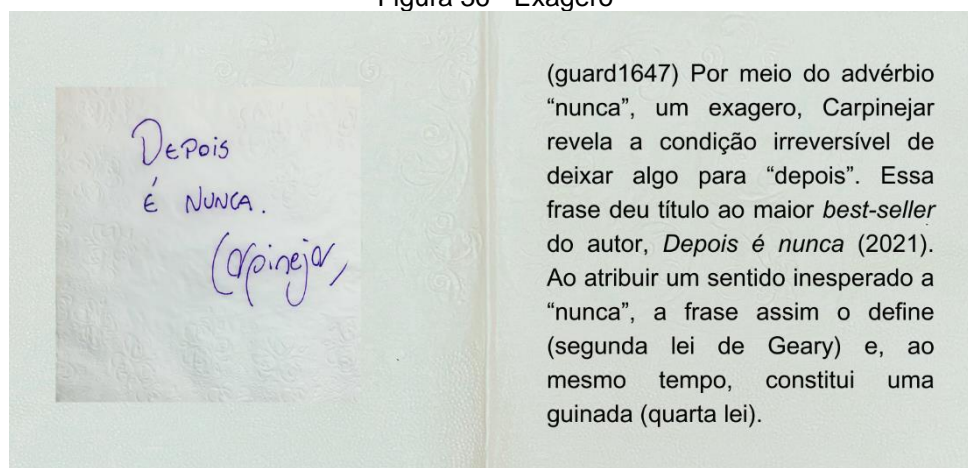
Característica marcante das generalizações presentes no Guardanapário é o uso de exagero e de contraste entre extremos. O exagero, em geral, é expresso nos guardanapos por meio de pronomes (“tudo”, “nada”, “todos”, “ninguém” etc.) e advérbios (“sempre”, “nunca”, “muito”, “pouco” etc.). O contraste entre extremos se dá sobretudo por meio de antônimos. Aqui é notável, novamente, a quarta lei de Geary (2007): o aforismo deve conter uma guinada. Abaixo, demonstramos com exemplos:

Figura 35 - Contraste entre extremos



Fonte: a autora (2023).

Figura 36 - Exagero



Fonte: a autora (2023).

Sobre generalizações, Carpinejar afirma que dizem respeito não só aos aforismos, mas ao fazer literário de modo geral:

Sem generalização, você não fala mais nada na vida. Porque sempre vai ter uma exceção. Sempre vai existir alguém que não é assim. Sem generalização, você não faz nada: não faz crônica, não faz poesia etc. O leitor pode não acreditar em alguma frase aforística, mas ela surtiu efeito, ela o fez pensar, fez com que ele reforçasse seus princípios e sua visão do mundo. Nem tudo vai ter adesão<sup>53</sup>.

Considerando a fala do próprio autor, reiteramos a terceira lei de Geary (2007): um aforismo deve ser pessoal. Pelo que podemos depreender dessa lei, o eu lírico equivale à pessoa do autor; pelo menos, é assim que Geary representa os aforistas. As generalizações de Carpinejar são suas opiniões pessoais, não opiniões de um eu lírico abstrato. Podem ou não ser partilhadas pelo leitor, mas cumprem a função mais importante de um aforismo: fazer pensar.

## 5.5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A partir dos resultados da análise realizada nas seções anteriores deste capítulo, elaboramos um panorama das principais características identificadas do Guardanapário enquanto gênero literário, exposto no quadro a seguir:

Quadro 2 - Síntese das características do Guardanapário

Nível funcional ( <i>Para quê?</i> )	Nível situacional ( <i>Para quem?</i> )	Nível de conteúdo semântico ( <i>O quê? / Como?</i> )	Nível formal-gramatical ( <i>Como?</i> )
Funções predominantes: -Expressar-se (intuito estético); -Direcionar o leitor (modelos a ser seguidos).	Comunicação: -Interna (assuntos de interesse geral).  Interlocutores: -Grande público (grupo numeroso).	Temas: - <i>Amor</i> ; - <i>Vida</i> ; - <i>Tempo</i> ; - <i>Verdade</i> ;  Paradigmas (instituições que subjazem aos guardanapos; panos de fundo):	Máximas retórico-estilísticas: -Objetividade; -Brevidade.  Formas não linguísticas:

<sup>53</sup> *Processo criativo dos guardanapos*, entrevista publicada no Facebook do autor no dia 20 de março de 2023.

	<p>Relação entre os interlocutores:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Assimétrica em termos de conteúdo (o escritor é visto como uma autoridade);</li> <li>-Simétrica em termos de agenda de produção (o engajamento do público serve ao autor como critério de seleção de frases que são transformadas em guardanapos.</li> </ul> <p>Parâmetros espaço-temporais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Divulgação digital (Instagram, Facebook e Twitter do autor);</li> <li>-Livro <i>Liberdade na vida é ter um amor para se prender</i> (2017);</li> <li>-Manuscritos (distribuídos como brindes em lançamentos de livro ou entregues a conhecidos, amigos e familiares);</li> <li>-Tatuagens de leitores.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Cristianismo;</li> <li>-Capitalismo.</li> </ul> <p>Atitudes temáticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Atribuição de valor positivo aos paradigmas;</li> <li>-Atribuição de valor negativo ao senso comum.</li> </ul> <p>Perspectiva:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Ressignificação de aspectos que podem passar despercebidos no cotidiano.</li> </ul> <p>Formas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Primárias (originais).</li> </ul> <p>Partes textuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Título opcional (corpo do guardanapo);</li> <li>-Uma ou mais frases (corpo do guardanapo);</li> <li>-Assinatura (corpo do guardanapo);</li> <li>-Propaganda/dedicatória opcionais (corpo do guardanapo);</li> <li>-Frase de apoio (na plataforma digital).</li> </ul> <p>Tipos textuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Argumentação;</li> <li>-Exposição;</li> <li>-Narração;</li> <li>-Injunção;</li> <li>-Descrição.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Textura do papel e desenho de flores ao fundo;</li> <li>-Caligrafia pessoal;</li> <li>-Cor e espessura da caneta.</li> </ul> <p>Aspectos gramaticais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Sintaxe simples e frases assertivas (primazia dos artigos “o” e “a”, do verbo “é” e da negação “não”);</li> <li>-Dicionarização do cotidiano (“é” / “não é”);</li> <li>-Combate ao senso comum e adesão do paradigma (construção “não é... [mas] é”);</li> <li>-Conselhos explícitos (imperativo) ou implícitos;</li> <li>-Generalizações (exagero e contraste de extremos).</li> </ul>
--	--	--	---

Fonte: a autora (2023).

A análise aqui apresentada perfaz cada um dos níveis propostos por Guiomar Ciapuscio (2003) e seus respectivos parâmetros, que refletem as características do gênero. Uma vez que não havia estudos prévios, fez-se de suma importância adotarmos um modelo de análise que nos permitisse caracterizar o Guardanapário de forma exploratória, nosso objetivo específico. Mesmo sendo um modelo pensado para textos especializados, a tipologia multiníveis se mostrou aplicável para outros tipos de texto e de léxico específico. Além disso, a Linguística de *Corpus* ofereceu recursos que explicitaram os elementos que expressam conhecimentos próprios de determinadas situações comunicativas, foco do modelo de Ciapuscio. Nesse sentido, a Linguística de *Corpus* evidencia probabilidades: aquilo que de fato mais usamos como falantes de uma língua na comunicação e na construção e representação do conhecimento.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, comprovamos a eficiência da tipologia multiníveis de Guiomar Ciapuscio (2003) para a caracterização de um gênero literário, considerando que este possui léxico especializado em função de seu projeto estético. Além disso, demonstramos a compatibilidade desse método, de orientação cognitivo-comunicativa, com os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística de *Corpus*. Verificamos no *corpus* de estudo a presença das cinco leis elaboradas por James Geary (2007) – deve ser breve, deve ser definitivo, deve ser pessoal, deve conter uma guinada, deve ser filosófico. Sendo assim, podemos vislumbrar que existe de fato, conforme afirma Carpinejar em entrevista<sup>54</sup>, alguma filiação do Guardanapário ao universo aforístico de autores consagrados, como Michel de Montaigne e François de La Rochefoucauld, citados por Carpinejar e contemplados por Geary em seu livro dedicado ao gênero.

No Guardanapário, em linhas gerais, encontramos duas funções predominantes: expressar-se e direcionar o leitor. A nível situacional, a recepção do público parece ter papel decisivo, pois atribui ao autor o estatuto de autoridade nos assuntos do cotidiano e colabora por meio de *retweets*, um “termômetro” de engajamento que o autor utiliza como critério de seleção para produzir guardanapos. A temática predominante é *amor*, que implica seus tipos – *relação* [amorosa] e *amizade* –, seus envolvidos – *você* e *o outro/amigos* – e condições que, por sua vez, também são temáticas – *tempo*, *verdade* e *vida*. Entre as principais características verificadas a nível formal-gramatical, podemos destacar a brevidade e objetividade sem rodeios sintáticos, as definições construídas com “é” / “não é” e as generalizações sustentadas por exagero e contraste de extremos. Constatamos, ainda, um mecanismo por meio de “não é... [mas] é” – que aqui denominamos *elemento acrescentado* –, com o qual o autor faz a manutenção de paradigmas sociais preestabelecidos – notadamente, o paradigma do cristianismo – e subverte o que considera senso comum, fazendo-se conservador e subversivo ao mesmo tempo.

---

<sup>54</sup> *Processo criativo dos guardanapos*, entrevista publicada no Facebook do autor no dia 20 de março de 2023.



Esperamos que os estudos acerca do gênero Aforismo prosperem e que lhe seja atribuído seu devido espaço na literatura, assim como outros gêneros – Romance, Conto, Poesia, Crônica etc. – já possuem. Trata-se de uma questão de divulgação, nem tanto de difusão, já que o Aforismo remonta aos últimos milênios (GEARY, 2007) e se mostra extremamente popular nas redes sociais. Cabe aos próximos pesquisadores desse gênero identificar a tradição aforística que existe em nosso entorno e estudá-la sistematicamente. Em estudos futuros, por exemplo, será possível caracterizar outros subgêneros do Aforismo e compará-los com o Guardanapário, a fim de determinar quais características são peculiares deste e quais pertencem ao Aforismo em geral. Desejamos que nosso *corpus* de estudo esteja disponível para outros pesquisadores, de forma a cumprir com o princípio de *corpus* como conjunto de dados verificáveis, passível de reutilização em prol do avanço científico (BERBER SARDINHA, 2004). Caso o necessite, basta enviar um e-mail<sup>55</sup> solicitando-o.

---

<sup>55</sup> marianacarpinejar@gmail.com.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR E SILVA, Vítor. **Dicionário de Luís de Camões**. Portugal: Editorial Caminho, 2011.

BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

BEVILACQUA, Cleci Regina. **A divulgação do conhecimento especializado: analisando o papel da terminologia na área de Conservação e Restauração de Bens Culturais móveis em papel**. 2018. Relatório final (estágio pós-doutoral). Montevideu: Facultad de Información y Comunicación, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/215211/001119416.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 2 abr. 2023.

BÍBLIA Sagrada: tradução brasileira. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1946.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do português. **Alfa**, São Paulo, 42 (n. esp.), p. 161-181, 1998.

BISOGNIN, Tadeu Rossato. **Do internetês ao Léxico da escrita dos jovens no orkut**. 2008. Tese (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14385/000650010.pdf?sequence=1>. Acesso em: 2 abr. 2023.

CARPI, Maria. **As sombras da vinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CARPI, Maria. **A força de não ter força**. São Paulo: Escrituras, 2003.

CARPINEJAR, Fabrício. A caneca do Gordo. **Zero Hora**, Porto Alegre, 27 fev. 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2016/02/carpinejar-a-caneca-do-gordo-4984724.html>. Acesso em: 2 abr. 2023.

CARPINEJAR, Fabrício. **A girafa é minha**. 2. Ed. São Paulo: SM Edições, 2014.

CARPINEJAR, Fabrício. **Ai meu Deus, ai meu Jesus: crônicas de amor e sexo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARPINEJAR, Fabrício. **A menina superdotada**. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2011.

CARPINEJAR, Fabrício. **Amizade é também amor**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

CARPINEJAR, Fabrício. **Amor à moda antiga**. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2016.

CARPINEJAR, Fabrício. A primeira noite de um homem. **Zero Hora**, Porto Alegre, 27 dez. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/carpinejar/noticia/2022/12/a-primeira-noite-de-um-homem-clc6mcs63006g0182q647snux.html>. Acesso em: 2 abr. 2023.

CARPINEJAR, Fabrício. **As solas do sol**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CARPINEJAR, Fabrício. A tirania da felicidade. **Zero Hora**, Porto Alegre, 9 dez. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/carpinejar/noticia/2022/12/a-tirania-da-felicidade-clbgwecb1001I0170rs8ao7jh.html>. Acesso em: 2 abr. 2023.

CARPINEJAR, Fabrício. Audiometria. **Zero Hora**, Porto Alegre, 28 abr. 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/carpinejar/noticia/2023/02/audiometria-cleomk31b009t017linoyaspq.html>. Acesso em: 2 abr. 2023.

CARPINEJAR, Fabrício. **Beleza interior**: uma viagem poética pelo Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: Arquipélago, 2012.

CARPINEJAR, Fabrício. **Borrvalho**: minha viagem pela casa. 4. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CARPINEJAR, Fabrício. **Biografia de uma árvore**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CARPINEJAR, Fabrício. **Caixa de sapatos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CARPINEJAR, Fabrício. **Canalha!** 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

CARPINEJAR, Fabrício. **Carpinejar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

CARPINEJAR, Fabrício. **Cinco marías**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

CARPINEJAR, Fabrício. **Como no céu & livro de visitas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CARPINEJAR, Fabrício. **Colo, por favor!** 7. ed. São Paulo: Editora Planeta, 2020.

CARPINEJAR, Fabrício. Conversa grampeada. **Zero Hora**, Porto Alegre, 31 jan. 2023. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/carpinejar/noticia/2023/01/conversa-grampeada-cldkm718y002u014sy49mnwoa.html>. Acesso em: 2 abr. 2023.

CARPINEJAR, Fabrício. **Coragem de viver**. São Paulo: Editora Planeta, 2021.

CARPINEJAR, Fabrício. **Cuide dos pais antes que seja tarde**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

CARPINEJAR, Fabrício. **Curinga**. 2. ed. Porto Alegre: Arquipélago, 2014.

CARPINEJAR, Fabrício. **Depois é nunca**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

CARPINEJAR, Fabrício. **Diário de um apaixonado**: sintomas de um bem incurável. 2. ed. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2008.

CARPINEJAR, Fabrício. **Espero alguém**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

CARPINEJAR, Fabrício. **Felicidade incurável**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

CARPINEJAR, Fabrício. **Filhote de cruz-credo**: a triste história alegre de meus apelidos. 4. ed. Rio de Janeiro: Girafa, 2006.

CARPINEJAR, Fabrício. Homem-orégano. **Zero Hora**, Porto Alegre, 16 jan. 2023. Disponível em:  
<https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/carpinejar/noticia/2023/01/homem-oregano-clcz74a6y002901828judgsga.html>. Acesso em: 2 abr. 2023.

CARPINEJAR, Fabrício. **Liberdade na vida é ter um amor para se prender**. 2. ed. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2017.

CARPINEJAR, Fabrício. **Lulu**. Porto Alegre: Edelbra, 2014.

CARPINEJAR, Fabrício. **Um terno de pássaros ao sul**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CARPINEJAR, Fabrício. **Me ajude a chorar?** 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

CARPINEJAR, Fabrício. **Menina alta**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.

CARPINEJAR, Fabrício. **Meu filho, minha filha**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARPINEJAR, Fabrício. **Minha esposa tem a senha do meu celular**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

CARPINEJAR, Fabrício. **Mulher perdigueira**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CARPINEJAR, Fabrício. **O amor começa quando você separa o seu final de semana para ficar com alguém**. Porto Alegre, 17 mar. 2023. Instagram: @carpinejar. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/Cp4rUccOdo\\_/](https://www.instagram.com/p/Cp4rUccOdo_/). Acesso em: 2 abr. 2023.

CARPINEJAR, Fabrício. **O amor esquece de começar**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CARPINEJAR, Fabrício. O aniversário de meu melhor amigo. **Zero Hora**, Porto Alegre, 13 out. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/carpinejar/noticia/2022/10/o-aniversario-de-meu-melhor-amigo-cl97ngz3000ig013p1oxw8h01.html>. Acesso em: 2 abr. 2023.

CARPINEJAR, Fabrício. **O menino grisalho**. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2010.

CARPINEJAR, Fabrício. **Para onde vai o amor?** 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

CARPINEJAR, Fabrício. **Porto Alegre e o dia em que a cidade fugiu de casa**. São Paulo: Alaúde, 2004.

CARPINEJAR, Fabrício. **Processo criativo dos guardanapos**. Porto Alegre, 20 mar. 2023. Facebook: Fabrício Carpinejar. Disponível em: [https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=pfbid0RuRYyeM8ygyYqMavUjWrWpQEaztGysAT5o2H876bMisszEKRjsNuznk1b4Aw5jwbl&id=100044369231988](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid0RuRYyeM8ygyYqMavUjWrWpQEaztGysAT5o2H876bMisszEKRjsNuznk1b4Aw5jwbl&id=100044369231988). Acesso em: 2 abr. 2023.

CARPINEJAR, Fabrício. Quando você não se importa mais. **Zero Hora**, Porto Alegre, 19 jan. 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/carpinejar/noticia/2023/01/quando-voce-nao-se-importa-mais-cld3hh9yt00ak0182wypbb5py.html>. Acesso em: 2 abr. 2023.

CARPINEJAR, Fabrício. **Respeitar a decisão do outro é uma prova de amor**. Porto Alegre, 17 dez. 2022. Instagram: @carpinejar. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmQ-qmXOEU8/>. Acesso em: 2 abr. 2023.

CARPINEJAR, Fabrício. **Tão eu, tão você**. Porto Alegre: Edelbra, 2015.

CARPINEJAR, Fabrício. **Teimosinha**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

CARPINEJAR, Fabrício. **Te pego na saída**. Porto Alegre: Edelbra, 2013.

CARPINEJAR, Fabrício. **Terceira sede**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CARPINEJAR, Fabrício. **Todas as Mulheres**. 2. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

CARPINEJAR, Fabrício. **Um parafuso a mais**. Porto Alegre: Edelbra, 2014.

CARPINEJAR, Fabrício. Viva o gordo! **Zero Hora**, Porto Alegre, 5 de agosto de 2022. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/carpinejar/noticia/2022/08/viva-o-gordo-cl6gimnhe001m017psrutqknp.html>. Acesso em: 2 abr. 2023.

CARPINEJAR, Fabrício. **Votupira**: o vento doido da esquina. São Paulo: SM Edições, 2011.

CARPINEJAR, Fabrício. **Vovó é poder**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.

CARPINEJAR, Fabrício. **www.twitter.com/carpinejar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CARVALHO, Castelar de. **Dicionário de Machado de Assis** [recurso eletrônico]: língua, estilo, temas / Castelar de Carvalho. Rio de Janeiro: Lexikon, 2018.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016.

CIAPUSCIO, Guiomar E. **Textos especializados y terminología**. Barcelona, España: Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 2003.

DO guardanapo para a pele: Versos de Fabrício Carpinejar inspiram tatuagens Brasil afora. **Zero Hora**, Porto Alegre, 27 abr. 2021. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2021/04/versos-de-fabricio-carpinejar-inspiram-tatuagens-brasil-afora-cknzd2yto00ea0198cjsp4n2l.html>. Acesso em: 2 abr. 2023.

GEARY, James. **O mundo em uma frase**: uma breve história do aforismo. Tradução: Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

MACIEL, Ana Maria Becker. Terminologia e Corpus. *In*: TAGNIN, Stella.; BEVILACQUA, Cleci Regina. **Corpora na Terminologia**. São Paulo: Hub Editorial, 2013, p. 29-45.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOLNÁR, Ferenc. **Os meninos da rua Paulo**. Tradução: Paulo Rónai. São Paulo: Tecnoprint, 1980.

MOREIRA, M. A. **Mapas conceituais e aprendizagem significativa**. São Paulo: Centauro Editora, 2010.

MUCURY, Julliany. **Da raiz ao fruto da contemporaneidade**: Carpinejar e a sede de ser e ter uma prole. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura e práticas sociais) – Programa de pós-graduação em Literatura, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/4433?mode=full>. Acesso em: 2 abr. 2023.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PUCHNER, Martin. **O mundo da escrita**: como a literatura transformou a civilização. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RELAÇÃO. *In*: DICIONÁRIO Caldas Aulete. Rio de Janeiro: Lexikon Editora, 2023. Disponível em: <https://aulete.com.br/rela%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 2 abr. 2023.

SPALDING, Marcelo. O protagonismo do leitor no miniconto contemporâneo. **Revista Enciclopedia**, Osório, vol. 9, n. 1, p. 58-69, out. 2012. Disponível em: [http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/ensiclopedia/outubro\\_2012/pdf/o\\_protagonismo\\_do\\_leitor\\_no\\_miniconto\\_contemporaneo.pdf](http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/ensiclopedia/outubro_2012/pdf/o_protagonismo_do_leitor_no_miniconto_contemporaneo.pdf). Acesso em: 2 abr. 2023.

TAGNIN, Stella E. O. Glossário de linguística de corpus. *In*: **Corpora no ensino de línguas estrangeiras**. São Paulo: HUB Editorial, 2011. p. 357-361. Disponível em: [http://www.hubeditorial.com.br/site/recursos/5\\_glossario/glossario\\_423.pdf](http://www.hubeditorial.com.br/site/recursos/5_glossario/glossario_423.pdf). Acesso em: 2 abr. 2023.

TAKANO, Andréia. Poemas de Carpinejar viram tatuagens. **Revista Ofuxico**, 15 abr. 2021. Disponível em: <https://www.ofuxico.com.br/noticias/poemas-de-carpinejar-viram-tatuagen>. Acesso em: 2 abr. 2023.

VARGAS LLOSA, Mario. **García Márquez**: história de um deicídio. Tradução: Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Record, 2022.

VENÂNCIO, Anney Bezerra. **O gênero aforismo no ensino fundamental**: uma proposta de leitura e escrita. 2020. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Letras) – Programa de Mestrado Profissional em Letras, Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Universidade Federal da Paraíba, Mamanguapé, 2020. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18362>. Acesso em: 2 abr. 2023.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e civilização capitalista**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.